ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Nº 36
EMPREZA DO JORNAL
O SECULO
DIRECTOR
C. MALHEIRO DIAS

LADY GODIVA

I

Certo conde normando, assolador e hirsuto,
Senhor tradiccional d'uma cidade ingleza,
Querendo um prato d'oiro a mais na sua mesa
Lançára sobre o povo um pesado tributo.

Não podia pagal o o burgo irresoluto:
Era a ruina, era a fome. E desvairada, accesa,
A multidão rugia em frente á fortaleza,
Com os filhos ao collo e coberta de lucto.

Mas as portas de ferro, immoveis e pesadas,
Não se abriam. E o povo, erguendo as mãos crispadas,
Cançava-se a bradar, a uivar, a soluçar...

Cahia a tarde. O sol quebrára a neve fria.
Ao sopé da montanha o burgo adormecia,
Como um cachorro aos pés d'uma arca tumular.

II

Dentro da fortaleza, entretanto, rodeado
De dalmáticas d'oiro e capellos vermelhos,
O conde rejurava á fé dos Evangelhos
Que o burgo pagaria o tributo lançado.

Tudo o applaudiu. Sómente, alva e loira, a seu lado
Se ergueu lady Godiva; e prostrada de joelhos,
Defendendo condoida as creanças e os velhos,
Gemeu:—«Senhor! O povo é já tão desgraçado!

Porque o não libertaes d'esse tremendo imposto?»
Então, o conde olhou a esposa, rosto a rosto,
E vendo-a casta, humilde, exclamou como um rei:

—«Liberto-o se ámanhã tu fôres, rua em rua,
Sobre um cavallo branco, inteiramente nua!»
Ella baixou o olhar e murmurou:—«Irei.»

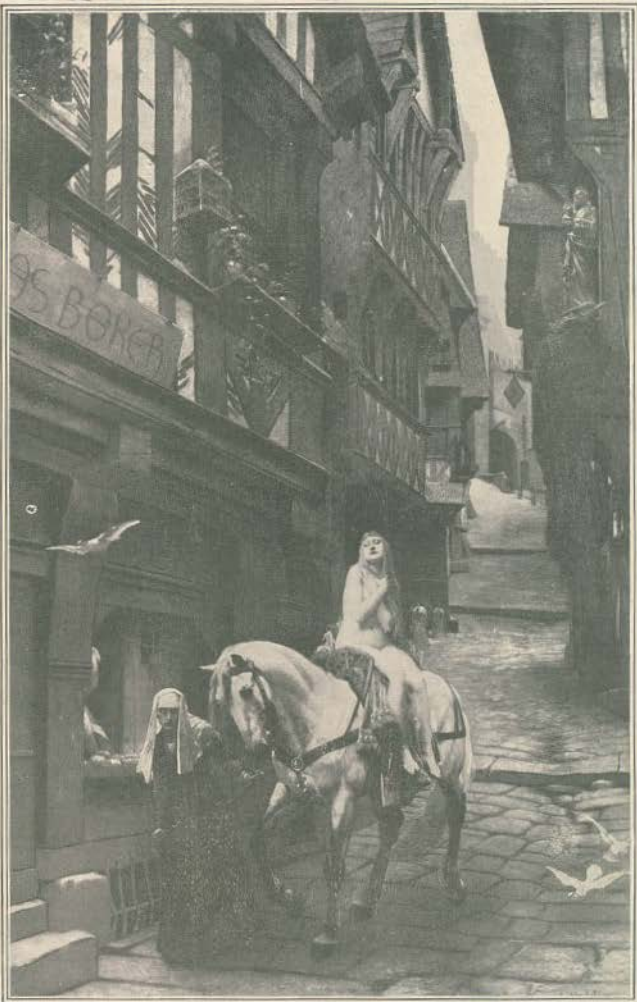
III

Nasceu por fim o sol. Branca e nua—que importa,
Se é gloriosa a nudez quando se é casta e bella!—
Sobre um cavallo branco, em redoirada sella,
Como quem atravessa uma cidade morta,

Godiva, no clarão divino que a transporta,
Os braços sobre o seio, o cabello a envolvel-a,
Percorreu todo o burgo e foi de viella em viella,
Sem que a visse ninguem, sem se abrir uma porta.

Revoavam-lhe, em redor, bandos de pombas brancas;
E o sol, cobrindo d'oiro as suas róseas ancas,
Vestia-lhe a nudez de fórmas virginaes..

Quando emfim regressou, loira, calma, modesta,
O barbaro senhor beijou-a sobre a testa,
E os tributos d'então não se pagaram mais.

Julio Dantas.

Convento dos Capuchos

A viagem de Cacilhas até os Capuchos será de uns oito kilometros, pouco mais ou menos.

A paizagem soberba: Alfeite, Valle de Morellos, Espadeiros, Sant'Anna, Valle de Flôres, e o Medo enorme da lagoa d'Albufeira, montanha de oiro resaindo das massas de vinhedos e pinheiraes.

Pena é que os muros, ás vezes como pannos de fortaleza medieva, hoje, na maior parte, completamente inuteis, privem o viajante das variadas e graciosas perspectivas.

Caparica abraça uma area grande.

Começa á entrada da barra. Do lado do norte é banhada pelo Tejo na extensão de doze kilometros; pelo oeste, põe-lhe termo o oceano; ao sul alarga-se até Valle de Cavalla.

Como portos de mar tem Banatica, Paulina, Porto-Brandão, Portinho da Costa e Trafaria. Quantos e quantos quadros, com recordações historicas, se não podem tirar d'estes accidentados e fertilissimos logares!

Agora, rapidamente e em toques impressionistas, falarei do convento dos Capuchos, ponto de vista dos mais bellos das cercanias, onde ha tantos. Poucos se encontrarão em todo o paiz que lhe sobrelevem, principalmente na originalidade.

Sobre as escarpas que se precipitam ao fundo do Juncal, levanta-se o templosinho dos capuchinhos arrabidos, fundado por D. Lourenço Pires de Tavora, quarto senhor de Caparica, em 1564. D. Lourenço, quando nosso embaixador em Hespanha, foi quem deu a Carlos V a replica, que apesar de velha tem sempre um travo picante.

Um dia o monarcha, mal humorado, disse-lhe:

— Eu sei muito bem quantas pontes e rios tem Portugal.

— As mesmas, senhor, que tinha em 1385.

O destemido e brilhante antecessor dos desditosos que foram feitos a pedaços no pavoroso cadafalso de Belem atirava á cara do Cesar omnipotente, nem mais nem menos, a batalha de Aljubarrota!

O convento dos Capuchos domina, ao nascente, a serra da Arrabida, divisoria do Sado e Tejo, e o castello de Palmella; ao norte, Lisboa e a serra de Cintra; a sudoeste, o Cabo, perfil exacto da cabeça de um elephante fabuloso, menos o dente; ao oeste, a barra, as torres de S. Julião e do Bugio, a bahia de Cascaes, perdendo-se depois a vista na curva remota do mar. Em baixo o Juncal, que vae da Trafaria ao Cabo. Os casalitos, os quinchosos, as courellas de vinhas, recortando-se no chão plano e vastissimo, e resaindo das grandes manchas da joina e do junco. Os medos de areia loira, tomando diversas fórmas e oppondo-se, como trincheiras, aos assaltos do mar em furia. Quando o sol de purpura e de fogo baqueia nas ondas, joga-lhe as frechas incendiadas e, por momentos, toda a planura parallela ao azul do oceano parece uma leziria em chammas.

Em pleno dia, se a povoação da Costa dá signal das negras de sardinha, de todos os casalitos do sopé da rocha e disseminados pelo campo, partem cavallos e eguas beirôas acudindo á praia. Depois as recovas carregadas da pescaria, a travado largo, correm á venda, Juncal abaixo. As raparigas trepam pela Fonte da Pipa e Villa Nova.

Lá vae aquella:

«Com a sardinha empilhada,
Inda saltando vivas,
Vem de cestinha avergada;
E lá debaixo da praia,
E sobe a pino o almaraz;
Mas nem por sombras cançada!

. . . .

«Saia curta e fluctuante. . .
Descalça — o pé regular,
E brunido pela areia
D'essas arribas do mar.

. . . .

«Vem as outras companheiras
Mais atrazadas. Avante!

Ao Monte, por essa encosta!
Ao Monte, ao Pragal, e adeante,
Que ha muito que o mar não dá!

«Sardinha fresca! da Costa!
Viva da Costa!... Frésquiá...»

Tudo isto se pode vêr e admirar do pobre convento hoje desmantelado, convento que ainda conheci forrado dos seus magnificos azulejos, vendidos de rastos ao primeiro que lhe deitou olhos mais ou menos entendedores.

Os arrabidos do conventinho ensinavam a lêr os moços do Arieiro, de Villa Nova e da Costa. Pediam esmola uma vez por semana, e pedindo esmola fizeram a sua casa conventual. Acudiam-lhes com bizarria os fidalgos de primeira grandeza, que em tempos isto foi a Cintra, o Estoril e o Cascaes de hoje, e tambem lhe valiam com mão profusa lavradores abastados d'estes contornos.

Assim se fez, com auxilio de uns e de outros, e não com a capa lendaria estofada de dobrões do pobre pedinte, o bello templo, dos finaes do seculo XVI, de Nossa Senhora do Monte, templo que ia a desabar em ruinas.

Hoje está em pé e restaurado, graças aos esforços do meu velho amigo José Dias Ferreira.

Terminarei este rapido bosquejo com uma anecdota, que, apesar de impressa no *Portugal Antigo e Moderno*, não será muito conhecida.

D. João VI foi um dia á Costa. O pacifico monarcha era bom garfo, bom dente, soberbo estomago e amador de pratos nacionaes.

Deram-lhe na Costa uma caldeirada. Pois, senhores, de tal modo ficou maravilhado o principe, cuja virtude suprema não era a generosidade, que rompeu n'este rasgo:

Fez *Mestre das Caldeiradas* o bemaventurado que lh'a preparou, estabelecendo-lhe 800 réis diarios emquanto fôsse vivo.

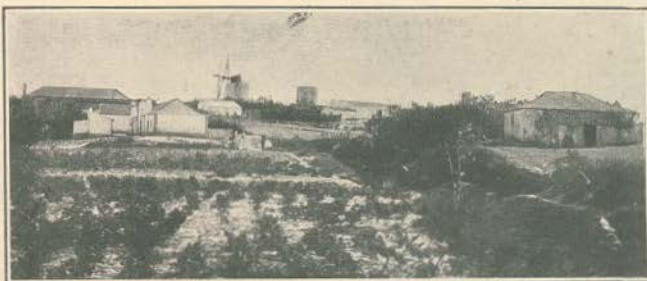
A casa onde D. João VI se banqueteou lá está na Costa e com as armas reaes como recordação.

Ali foi depois D. Maria II e D. Pedro V. Muita gente do sitio me tem contado, com grande admiração e estranheza, que D. Maria II comia as sardinhas como a gente do povo: em cima do pão e ás dentadas. Comeu n'aquelle dia, d'esta fórma, para mais d'uma duzia.

As nossas elegantes de hoje, que venham vêr na primavera e verão a deslumbradora vista do convento dos Capuchos, sigam depois para a Costa, que lhes fica fronteira a dois passos, e comam as picantes sardinhas d'aquella praia como as comia a filha do imperador D. Pedro IV, rainha portugueza das mais pontuaes no seu officio, e das mais dignas na altivez da sua soberania.

Monte de Caparica, Torre
Fevereiro, 906.

BULHÃO PATO

Carlo von Faber — O homem dos lapis

Desde a minha mais remota infancia que eu era considerado, na aula de desenho, um pimpão quando, com o meu Faber bem aparado, gravemente me punha a traçar riscos e a copiar caçarolas e canivetes do meu compendio quadriculado. Ninguem me levava as lampas na arte de apresentar o meu desenho limpo; — e raras vezes me servia da borracha.

Comprava os meus lapis n'uma loja da Calçada, em Coimbra, a loja do Bernardo. O velho commerciante estendia diante de mim uma montanha d'elles, de diversos feitios e de grossuras diversas; e sempre, com a sua voz nasalada, sempre que eu entrava alegremente a porta do estabelecimento, era certo, mathematico, impreterivel, elle adivinhar ao que eu ia:

— Vimos então comprar um lapis...

Mas não sei porque, e ainda hoje estou para o saber, Bernardo tinha uma predilecção accentuada pelo lapis de fabricação ingleza.

— Veja este *London*... Magnifico!

E virando-se para dois ou tres *habitués* da loja que se pitadeavam estrondosamente, sentados em banquinhos de madeira, acrescentava com a mais profunda convicção e a mais rudimentar e atrevida ignorancia:

— Este *scirir London* deve ser muito rico!

Suppunha eu que o velho cultivava a ironia entre companheiros da mesma edade; e como n'esses tempos eu soubesse já que London era, em inglez, Londres, — posto que não fôsse muito além d'estes conhecimentos na lingua de Shakespeare, — ficava-me a olhal-o desconfiado, com um olho de travez. Mas não era *piada*. Bernardo que, creio, nascera detraz d'aquelle balcão e só conhecia, do universo, a parte que vae do Arco d'Almedina ás escadinhas de S. Thiago, dizia a sua phrase famosa na sua mais candida e risonha boa fé.

Eu, porém, preferia Faber. O meu desenho, com esse lapis em punho, sahia-me sempre mais artistico, mais elegante, mais bem contornado e, sobretudo, mais fiel. Um chapéu alto, feito com um Faber ou com lapis vulgar de Linneu, differençava-se tanto como um *huit-reflets* confeccionado no Roxo ou um triste canudo de chaminé n'um ignorado chapeleiro de Alcantara.

Annos passaram, muito tristes annos que me vão arrastando para a velhice; e eis senão quando, um dia da ultima semana, encontro-me frente a frente com um homemzarrão corpulento e saudavel, sympathico e vermelhasco da cara, typo sabido de teutonico, bem *cambré* nas suas pernas fortes de *touriste* infatigavel. E' o sr. Carlo von Faber, — o *homem dos lapis!* Toda a minha mocidade resurge diante d'este nome. Parece-me volver aos tempos do Bernardo e do *London;* e é com uma alegria e um extase que aperto a mão d'este grande industrial a quem devo os meus primeiros triumphos no desenho.

Conversamos, beberricando duas cervejas de Munich. Faber é bavaro, de Stein, ao pé de Nuremberg. Pertence a uma dynastia que o trabalho industrial illustrou de paes a filhos.

O *Schleswig*, sumptuoso barco de recreio, alugado por opulentos excursionistas allemães para uma viagem a Portugal — O sr. Carlo von Faber, actual proprietario da famosa fabrica de lapis de Geroldsgrün

Seu trisavô, Josgard Faber, foi o fundador da fabrica, ahi por 1760. Rapidamente, a fortuna entrou-lhe pela porta dentro; e quando o seu bisneto, João Lothario Faber, tomou conta da casa, depois de ter feito os seus estudos em Nuremberg e passado tres annos em Paris para completar a sua educação industrial, dirigia apenas vinte operarios, mas arrecadava, ao fim de cada anno, de lucros, seis contos de réis.

Este Faber deu um extraordinario impulso á sua industria, e, auxiliado por seu irmão mais novo, João Faber, não se limitou a fabricar o lapis barato que todos nós conhecemos — e eu, com que commovida recordação! — e manufacturou o lapis chic, o lapis caro, de um preço mais elevado, como o *lapis polygrado* que fez uma revolução no mundo artistico. A atmosphera estreita de Nuremberg suffocava, asphyxiava este genio emprehendedor. Para libertar os seus productos do monopolio absorvente da sua terra natal, João Lothario Faber percorreu toda a Europa e, como um verdadeiro soberano da industria, assignou tratados com os principaes negociantes de todas as grandes cidades, do mesmo passo que procurava aperfeiçoar cada vez mais os seus meios de fabricação. De anno para anno, a sua fabrica de Stein augmentava, com as suas poderosas machinas movidas a vapor ou por meio de rodas hydraulicas.

A Europa era já pequena para consumir o importante producto da sua laboração. Em 1849 dá um salto á America, installa em New-York uma succursal, colloca-lhe á frente outro seu irmão, Ebérhard Faber. A febre industrial consome-o, queima-o de impaciencia e de actividade. Cria uma succursal em Paris, outra em Londres, compete com as fabricas inglezas rivaes e introduz os seus lapis em todo o mundo, com uma venda segura e fixa, uma procura cada vez mais extraordinaria, uma fama que corre de um ao outro polo e cuja onda invasora nada pode deter na sua vertiginosa marcha.

Faber sorria-se até então da *graphite* de Bowondaly, no Cumberland inglez, para a fabricação dos seus lapis; mas em 1856 o negociante russo Mibert descobre no monte Sojan, ao sul da Siberia oriental, proximo da China, uma mina de *graphite*, de uma extensão consideravel. O grande industrial faz um contracto com elle, obrigando o russo a entregar-lhe exclusivamente os productos da sua exploração. Alguns annos de trabalhos não dão resultados proveitosos; mas em 1861 enchem-se todos os mercados com os lapis fabricados com esta nova materia, sob a designação de *lapis polygrados de graphite da Siberia*. É a ruina completa da fabricação ingleza!

Depois é sempre uma onda ascendente. Faber é o proprietario da primeira fabrica de lapis de todo o mundo, a que juntou a nova industria da ardosia e dos lapis de ardosia, e todos os objectos de escriptorio, que são laborados na sua gigantesca fabrica de Geroldsgrun, proximo de Kronach. Ás succursaes já estabelecidas accrescentou outras: em Berlim, em Vienna, em S. Petersburgo; e, hoje, a sua fabrica principal de Stein dá trabalho a mais de 1:200 operarios.

Carlo von Faber, que acaba de engulir beatificamente a sua cerveja de Munich, levanta-se, ageita a correia do binoculo que traz a tiracollo, mette o seu inseparavel Baedeker debaixo do braço e dá-me um valente *shakes'-hand* de amigo. É hoje o herdeiro da grande e poderosa dynastia; e veiu a Portugal, com outros opulentos excursionistas, a bordo do sumptuoso barco de correio *Schleswig* pertencente ao Lloyd de Bremen.

Vejo-o afastar-se, pisando rudemente o asphalto, com o orgulho de um triumphador. E pensar eu, que tanto tenho concorrido, com os meus vintens, para a fortuna d'este homem! Agora, olhando para o lapis com que tomo os meus apontamentos, uma grande commoção me invade: — é um Faber!

(Clichés de Benoliel.)

Algumas das mais lindas excursionistas allemãs visitando Lisboa

Rigoletto — *D. João* — *D. João* — *Barbeiro de Sevilha*

O cantor portuguez Francisco de Andrade recebeu mais uma consagração. Nos recentes festejos que commemoraram o 150.º anniversario do nascimento de Mozart, foi aquelle nosso illustre compatriota convidado a desempenhar o papel de *D. João* deante d'um publico exclusivamente composto de criticos e eruditos amadores do *divino* maestro. Pareceu opportuna a occasião a um escriptor portuguez residente na Allemanha, sinceramente enthusiasta de todas as glorias nacionaes, para ir surprehender o brilhante artista á sua thebaida do Harz, e fazer basta colheita de photographias, que acompanham o rapido artigo em que nota as suas impressões

O ultimo retrato de Francisco de Andrade

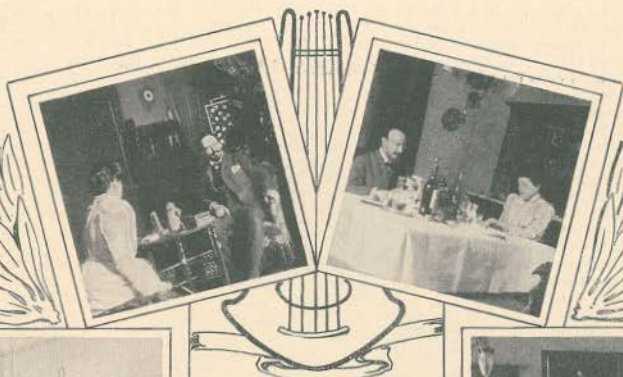
Conhecem-lhe a historia: um estudante de direito que parte um dia para Milão, cheio de fé n'uma carreira que mais que nenhuma outra reserva sempre os maiores triumphos ou os desenganos mais amargos. Estuda alguns mezes, n'uma vertigem febril, escuta os conselhos dos mestres sem orgulhos nem vaidades que matam á nascença os melhores talentos, e pouco a pouco com maior tenacidade vae firmando o seu nome — um nome que breve ultrapassa as fronteiras impondo-se cada vez mais até ser consagrado, não apenas por uma celebridade meramente regional, mas com mais larga reputação, a ponto de tornar-se o popularissimo artista que toda a Europa do Norte adora.

Andrade duplamente triumphou. Cobriu-se de gloria e fez fortuna. Attingiu, na sua larga carreira de 25 annos, o ponto culminante: é um classico. Das suas creações, o «D. João de Mozart» é reproduzido pelos mais notaveis coloristas e figura hoje em museus publicos.

Mas se toda a gente lhe conhece já a fronte rasgada, o olhar tragico das grandes scenas lancinantes, as gentilezas subtis dos personagens delicados, poucos são comtudo aquelles que o conhecem dentro do seu *home* tranquillo de Harzburg, onde o artista se recolhe como um aristocrata inglez, totalmente apagadas as exterioridades que dão na vista.

Não se reconhece entretanto ao homem celebre o direito de ter segredos para o publico. O nosso tempo é caracterisado por uma nota intensamente dispersiva: exige-se que o *foyer* das notabilidades seja exhibido com a sua vida intima á curiosidade insaciavel da gente que lê, que se exponham as suas preferencias, os seus gestos, a sua maneira de matar o tempo — esse inimigo terrivel que acaba sempre por nos matar a nós. Um bello dia chega um homem que lhe bate á porta, que vae observal-o, estudal-o para transmittir depois as suas impressões á multidão avida. É o jornalista, um neologismo vivo em materia de profissão.

Com a bagagem summaria do *touriste*, uma pequena mala e alguns jornaes para ler durante a viagem, foi assim que eu parti ha dias de Berlim para a encantadora cidadesinha de Harzburg, onde o nosso illustre compatriota descança habitualmente das suas longas peregrinações artisticas pela Europa.

Atravez da vidraça, a perder-se n'um horisonte esfumado pela neblina, a paizagem desapparecia na vertigem das velocidades. O expresso devorava leguas sobre leguas e a retina mal tinha tempo de fixar uma impressão fugidia n'essa carreira louca; em todo o caso, a planicie, recortada aqui e ali por canaes que vão abrir-se em grandes lagos tranquillos, pouco offerece de interessante no seu aspecto uniforme e monotono de uma natureza que dorme. De

Francisco d'Andrade e sua esposa —O almoço de Francisco d'Andrade

Francisco d'Andrade jogando o bilhar com o correspondente da *Illustração Portugueza*

Madame Andrade acompanha ao piano seu marido

quando em quando, um moinho de vento, empoleirado n'um pedestal fragil de madeira, lembra nitidamente os horisontes serenos da Hollanda.

Subito, avisto, ousadamente apontadas para o céu, as torres da cathedral de Magdeburgo. Cinco minutos de demora: tempo estrictamente necessario para descer, engulir á pressa a refeição frugal do viajante, e pôr de novo o pé no estribo quando a voz militar do conductor, no tom de um sargento que commanda um pelotão, articula esta ordem secca: «Abfahrt!»

De novo o comboio retoma o seu andamento rapido, passa como um furacão sobre pontes e trincheiras, torna a parar mais além, em Börssum, d'onde se distingue já nitidamente a serrania ao fundo, o terreno começa a accidentar-se e por fim, mesmo na base da montanha, como que detendo-se ante um obstaculo insuperavel, o expresso queda-se após cinco horas de correria, vomitando um fumo negro que se dirige serenamente para o azul.

O Harz é a mais bella região da Prussia. Contrastando com a monotonia da terra baixa, as montanhas elevam-se ahi sobranceiras, sem serem opprimidas por outras montanhas. A vegetação abundantissima de cedros, faias e pinheiros do norte não tem, é certo, a alacridade da paizagem portugueza; falta a exuberancia de luz que caracterisa os aspectos do sul, bem como os tons quentes das nossas serras, mas a tonalidade uniformemente verde da folhagem impressiona de uma maneira suave, fazendo scismar nas velhas balladas germanicas.

Francisco d'Andrade lendo *O Seculo*—Francisco d'Andrade jogando o xadrez com o correspondente da *Illustração Portugueza*

Ao fundo, mal distincto entre a neve, o colosso do Brocken ergue-se como uma ameaça. Esse theatro enorme da noite phantastica de Walpurghis merece bem a lenda que lhe crearam os aldeões ingenuos: é um monte escalvado, emergindo do verde-negro das florestas, em cujo cume, habitualmente coberto por uma nuvem, sopra um vento agreste.

Na estação onde desço, distingo logo

entre a multidão a figura de Francisco d'Andrade. O grande cantor veste o traje de automobilista, grande casaco cinzento, bonnet de pala; e lá fóra o carro esperava já por nós, resfolegando com intermittencias como um monstro cançado. Atravessando a rua muita gente sauda o nosso compatriota. Das janellas entreabertas, na bisbilhotice commum a todos os povoados pequenos, espreitam rostos curiosos. Finalmente, após um curto trajecto — dez minutos se tanto — paramos em frente de um palacete lindo, d'uma sumptuosidade simples, a destacar-se n'um fundo scenographico de floresta, rodeado por um jardim onde florescem roseiras.

É ali que vive Francisco d'Andrade, sempre que pode repousar uns dias.

Francisco d'Andrade no seu automovel com o celebre pintor allemão Slevogt — O *hall* da casa de Francisco de Andrade

A *villa* de Francisco de Andrade em Harzburg — A sala de Francisco d'Andrade

Repousar não digo bem, porque, arrastado pelo seu activo temperamento, o artista poucos momentos dedica ao que propriamente se chama repousar. Sim, é ali que elle estuda, que lê, pois é assim, lendo e estudando sempre, que descança.

Na villa Andrade respira-se uma atmosphera amiga, porque o seu proprietario soube imprimir-lhe um cunho fundamentalmente meridional. A toda a ornamentação preside um gosto decorativo que dá bem a impressão do conforto moral e do conforto physico. É o luxo sobrio que distingue o *foyer* do artista do palacio do burguez, onde mil cousas heterogeneas se ostentam n'uma exhibição ostensiva, é a comprehensão nitida da esthetica e a abolição formal do *rococo*, uma harmonia perfeita de linhas subordinada a um conjuncto agradavel.

Procurar no decorativo comprehender a linguagem das cousas foi o meu primeiro cuidado. E quantas me não falaram de Portugal, n'uma carinhosa evocação! Surprehendi-me ao vêr no escriptorio uma guitarra portugueza, do antigo modelo, toda enfeitada de fitas multicores. Andrade dedilha com rara pericia esse instrumento, e as variações do fado, tocadas por elle, dão a impressão intensa do caracter da nossa raça de bohemios. Tocar bem o fado é comprehender a alma do povo, porque é a expressão mais caracteristica do seu incorrigivel romantismo.

Ao canto, sobre um cavallete, ha uma affectuosa lembrança de el-rei: uma marinha singela aguarellada por mão segura de artista. Através das janellas completamente rasgadas côa-se uma luz suave. Do alto das suas molduras sombrias espreitam retratos de velhos pintores: Rubens, das carnações sublimes, quasi pagão nas proprias telas sagradas; Rembrandt, o mestre da luz; Velasquez, o rei da expressão; Van-Dyck, Boticelli,

Francisco d'Andrade automobilista — A *gare* de Harzburg

Leonardo de Vinci, e o grande, o inimitavel pintor Sanzio, cujo clarão de genio alumiará sempre as salas dos muzeus mais ricos.

Todas as manhãs, Andrade exercita a voz, que é objecto de cuidadosa gymnastica. Ás vezes, madame Andrade senta-se ao piano, acompanhando um *Lied*, um trecho de opera, uma canção ligeira. É um conjuncto perfeito, duas almas de artistas que se casam intimamente na mesma interpretação, fazendo arte por amor d'ella, sem preoccupar-se com effeitos de scena nem com gostos de publico.

Á tarde, depois do almoço, o *chauffeur* avisado préviamente vem declarar que o automovel espera. É Francisco d'Andrade quem nos conduz, elle proprio, n'esse lindo passeio pela base da montanha, através do bosque onde mal penetra um raio de sol, até ao valle delicioso de Ilseburg, canto remoto da floresta em que passa uma torrente sobre um leito nú de rochedos, como que a evocação de qualquer trecho mysterioso de Wagner, onde decerto ha genios invisiveis na profundidade das sombras. Ou então uma visita ao velho burgo de Goslar, cidade onde em tempos idos se coroavam os soberanos da Prussia. Goslar, cuja importancia se annullou desde que a côrte lhe preferiu Königsberg, é um muzeu de cousas mortas, uma Pompeia da Edade-media. As suas ruinas, os seus palacios, os seus templos vetustos e graves dão-nos a impressão que o Destino fez d'ali o cemiterio onde foi inhumada uma civilisacão poderosa. Possuidor de bella erudição, Francisco d'Andrade, a quem tudo é mais ou menos familiar, foi para mim guia precioso.

O *Andrade negro*, celebre retrato de Francisco d'Andrade pelo pintor allemão Max e Slevogt, e assim conhecido para o differençar do *Andrade branco*, em que o pintor o representa no protagonista da opera de Mozart na scena da ceia

Como especial curiosidade, indicou-me elle, entre varias esculpturas que ornam uma velha casa defronte da egreja, a celebre «mulher fabricando manteiga», testemunho de um grosseiro preconceito que não abona muito a favor da pureza da manteiga allemã em epocas remotas...

Á noite, em sua casa, depois de ter tomado o *five-ó-clock-tea* a vinte kilometros de distancia, joga-se o xadrez, o bilhar, ou conversa-se n'um circulo intimo, onde o artista exhibe todos os recursos da sua intensa vivacidade. Os salões da villa Andrade teem escutado as subtilezas de todas as linguas cultas. O nosso illustre compatriota é um polyglotta perfeito: fala correntemente além da sua propria lingua, cuja pronuncia nada perdeu em pureza com 25 longos annos de ausencia, o hespanhol, o francez, o inglez, o allemão e um pouco o russo. Quantas vezes nos seus concertos tem cantado em cinco idiomas differentes!

Madame Andrade é hungara pelo nascimento e portugueza pelo coração. Exprime-se com grande facilidade na nossa lingua, tendo um ligeiro accento estrangeiro que não deixa de ser muito gracioso.

Não me esquecerei de falar de uma das obras d'arte mais preciosas que tive a ventura de admirar. Devido ao pincel de Slevogt, o mesmo artista que pintou o retrato existente na National Galerie de Stuttgart, o «Andrade no ultimo acto do *D. João*» figurou n'uma recente exposição ingleza. Foi segura em 20:000 marcos, contra os riscos do mar, essa inestimavel preciosidade!

É um clarão de tragedia violentamente arremessado a uma tela nua, em que o sombrio D. João se destaca da treva, ameaçador e cheio de força, segurando a mão do commendador invisivel. Os amadores chamam a esse quadro o «Andrade negro», para distinguil-o do outro risonho «D. João dos Salões» vestido de gala, que consideram mais theatral.

«O «Andrade branco», disse um dia um critico, representa uma scena de palco. Perante o «Andrade negro» não se pensa sequer em theatro. É a torrente de impressão que Andrade conseguiu dar interpretando o personagem, a impressão que trazemos para casa, a impressão que nunca tinha sido recebida em theatro algum; mas devia ter sido assim, quando outr'ora D. João, o heroe de innumeras aventuras, recebeu o aperto de mão do seu hospede. Assim, o quadro pertence á pintura historica, ou á representação de um passado lendario...»

Escrever sobre Andrade não é facil tarefa. Far-se-hiam volumes, como soe dizer-se. Objecto de estudos ponderados dos velhos criticos, modelo de grandes pintores, até a propria litteratura o tem aproveitado já, como constatei folheando o curioso romance de Dolorosa «Fräulein D. Juan», inspirado por certo em qualquer noite de enthusiastico triumpho. Ao correr da penna, limitei-me a fixar meia duzia de paginas arrancadas ao meu *block-notes*, durante os dias vividos na intimidade d'aquelle homem singular, de um optimismo irreductivel que tudo encara n'um bello sorriso tranquillo.

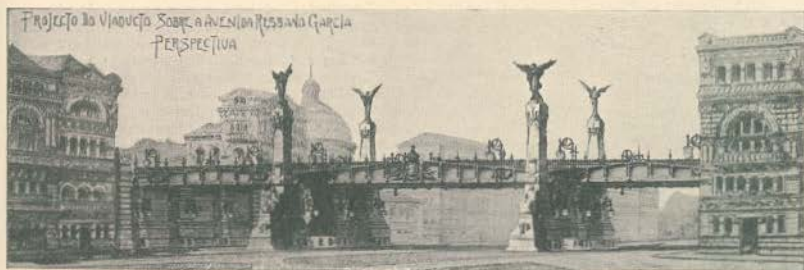
Pois ahi tem o leitor como Andrade sabe comprehender a vida: sem excitações que conduzem depressa ás neurasthenias terriveis, mas serenamente, como é serena a paizagem que avista do seu terraço, onde vae sentar-se nas lindas manhãs de verão a ler um pouco de Portugal, do paiz eleito que elle nunca esqueceu atravez dos maiores triumphos...

Berlim, 20 de setembro.

HERMANO NEVES.

I

As provas d'architetura patentes em duas das exposições abertas este anno, a dos trabalhos dos alumnos da Escola de Bellas Artes, e a da Sociedade Nacional de Bellas Artes, pouco devem botar de pratico e viavel para o quotidiano architetonico da terra. Na exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes, uma egreja romanica, com dois coruchens e um duomo ou zimborio em barrete de noite; um jazigo de familia; um circo equestre, com as inevitaveis reminiscencias das ruinas do Colyseu romano: um baptisterio romano bysantino: e emfim, um projecto de viaducto para a Avenida Ressano Garcia, lembrando a ponte d'Alexandre III e outras pontes, e que a camara de Lisboa fez mal em não ter adoptado, como muito bem diremos mais além...

Todos estes planos chegam infelizmente já depois da necessidade d'elles ter passado. Á egreja romanica, destinada ao culto da Imaculada, preferiram outra, que naturalmente se não faz, por os padres do Espirito Santo terem sequestrado a Camaride, tomando para si o espolio que a commissão namorava para o custeio do monumento. O circo equestre não tem mais viabilidade, pois temos em Santo Antão colyseu para dez ou vinte gerações de titeres e palhaços. O baptisterio romanico

Uma perspectiva do projecto de viaducto sobre a Avenida Ressano Garcia, do sr. Alvaro Machado

não é feio, posto vulgar para quem conhece os admiraveis modelos de bysantino-romão que ha pelo mundo — sobre o mau séstro de vir n'um tempo em que o homem carece de se baptisar todos os dias, o que faz da casa de banhos contemporaneamente o unico baptisterio a abrir n'esta terra de gente por lavar. Quanto a jazigos de familia, uma vez o forno crematorio decretado, traremos para casa em boiões as cinzas dos ancestros, com que bordaremos as letras do arroz doce, nos festivos jantares d'anniversario.

Ora isto tudo dá a essas laboriosas provas dos jovens architetos, pobres Solness sem barba, que inspirará uma ou outra Hilda da Barroca, um caracter melancholico de labor perdido, de talento sem clinica, de força humilhal os dolorosamente, na quadra em que mais precisavam ser mimados.

Na exposição dos alumnos da Escola de Bellas Artes, as provas d'architetura, modestas, d'um caracter mais estudiantil, menos formal, chegam-se para assim dizer melhor a um proposito d'arte aplicada, se lhes tirarmos um projecto que lá ha, de palacio para comicios publicos, que parece um tumulo romano, engalanado de fachadas e templetes da ultima exposição de Paris.

Ha, por exemplo, o projecto d'um pequeno edicio para dispensario medico... Um projecto d'escola de desenho...

Vamos ao pratico, e posto que isto não é cidade para baptisterios ou basilicas bysantinas, nem tão pouco circos colossaes, consideremos este garrano e sympathico projectosinho d'escóla de desenho, para mim, de todas as provas expostas, a de mais logico aspecto e agradavel doairo, e que melhor seria modificando-se-lhe a parte central, em termos de ficar o tympano mais leve, e menos grande a placa ou quadro que encima a porta, e se destina a letreiro ou inscrição.

Os governos que teem sempre a construir, por essas terras e vilórias, edificios pequenos para escolas, créches, etc., acho deveriam fazer executar de quando em quando algum d'estes projectosinhos sahidos das provas escoláres, e que o respectivo jury, reforçado por elementos das letras, todos os annos levasse á atenção das obras publicas e municipios. O mesmo para projectos de casas particulares, em estylo moderno, ou estylisação sobre o que, para não estar agora com explanações, chamaremos o antigo typo portuguez.

Estimulavam assim a iniciativa e faculdades creadoras dos rapazes, que sempre receberiam pela idéa algumas centenas de mil réis (na quadra da vida em que espórtulas d'essas são milagre) e livrava-se a gente da monotonia de vêr por toda a parte reproduzido o mesmo modelo oficial d'escóla, o mesmo typo de créche, o mesmo cazarão de paços de concelho, traça de méstres d'obras bossaes e engenheiros arranjistas, acanhada, falcatruada de proposito para a mariolice das *luvas*, chocando os olhos pelo seu ar d'obsessão palurdia, de gebice esquimó, a encher o *touriste* de nauseas, a dar a média dos vôos sociaes e mentaes da população.

Ha muito até que para travar o genio porcáz,

Outra perspectiva do projecto do sr. Alvaro Machado para um viaducto sobre a Avenida Ressano Garcia

Algumas das edificações da Lisboa moderna (Avenidas da Liberdade, Fontes Pereira de Mello e Ressano Garcia)

desorientado, idiota, que por esse paiz alástra em materia architetonica, todos os edificios publicos ou privados, em edificação ou restauro, deviam ter um conselho artistico por cujo voto os respectivos projectos passassem, e isto para tirar ás vereações e comités locaes, a brazileiros e mercantes cuja unica funçção social é ganhar dinheiro, a intervenção nefasta que, em nome d'uma liberdade de que não sabem usar, se lhes tem dado na esthetica urbana do paiz.

Em nacionalidades pobres como esta, onde construcções monumentaes são raridade, o labor principal do architecto que se destine a fazer vida pelo oficio ha-de ser sempre erguer pequenos edificios para moradia de burguezes, ou assistencia e séde de modestas corporações e sociedades. Incitar aquelles artistas logo desde o inicio da carreira a aplicar a estes typos d'architetura pacata o melhor dos seus disvelos de imaginação e phantasia conceptiva, deve ser um dos principaes ardores da opinião auctorisada, *a que tem situação official e a que não tem*, pois esta propaganda da beleza é uma das maneiras nobres d'amar a patria e ajudal-a a sahir da morrinha bronca em que ainda está.

◉

Em vinte annos, que serie de bairros novos Lisboa e Porto teem desenrolado! Vae por elles, leitor, e lá has-de vêr palacetes em theatro de provincia, e predios d'aluguer em fabrica de moagem! Não ha terra de Hespanha ou da Galiza, por mais recuada para o fundo dos soutos e dos brejos, que não esteja entendendo a arte de construir, pelo gosto moderno, e integração delicada de modelos novos nos typos tradicionaes da architetura do paiz. Correm-se as ruas de Vigo, Orense, de Pontevedra e da Coruña, vae-se ás cidades da Cataluña e ás mesmas asperas Castellas, e lá veremos, melhor ou peor, o esforço heroico dos architetos para, aproveitando a emulação dos capitalistas, aperfeiçoarem e variarem ao infinito os seus modelos de paço, de palacio, de casa e de *casucha*. Sob este ponto de vista, Vigo, na sua parte moderna, é um museu. Quantos milhões e milhões em pedra talhada! que profusão de gostos, desde o *bello horrido*, ao bello incondicional, cheio de elegancia! Pois sem duvida ha por lá tambem muita pacotilha por oiro, muita casa d'estuque e pedra, literalmente avergada d'ornatos, kiosques, balcões, platibandas, columnatas confusas, dando ao todo um ar de feira de vaidades e pagode indiano, e quasi sumindo no bazar dos detalhes as linhas monumentaes, primaciaes, da frontaria. Mas apar d'essas, que de palacetes deliciosos e galantes, que graça madrigalesca de janelas, que arte risonha, senhoril, de bolear quinas, de installar a torrela de canto em termos de fazer resahir duas fachadas, de perspectivar com pilastrilhas e resaltos os corpos d'um *hotelillo* de ricaço, de dar emfim ao edificio qualquer coisa da phisionomia pensante do architeto, da verve do dono, do pictoresco da raça, em guiza d'elle ser na continuidade da rua, na quina da praça, na folhagem perspectivada do parque, no fundo do jardim, não como entre nós, uma nodoa de muro esburacado, sem fascias, mas uma aleluia opipara, gloriosa, da arte para a luz, um halali da ventura humana, contente, *chez soi*, para a magnificencia faternal da natureza.

Nem a Camara Municipal, nem sociedades artisticas e literarias, nem isoladamente algum sonhador chimerico de perspetivas, fachadas, illusões, alguma vez pensaram em interceder pela beleza, n'este periodo fecundo de reedificações e ruinas que em Lisboa vae desde a derrocada do antigo Passeio Publico até ao monumento fenicio que em S. Pedro d'Alcantara celebra a benemerencia de Coelho e o futuro minaz da sua agencia. Cada brazileiro ou rendeiro rico teve licença d'erguer a casa a esmo, conforme planos de mestre Antonio ou mestre Izidro, e isto sem a Camara lhes pedir outras contas que não fossem alcaválas tributaes—sua apoucada e cerdosa occupação.

Commissão technica atinente ao inquerito das construções sob o ponto de vista da beleza, da architetura da casa considerada em si ou no conjuncto perspectival da rua, praça, quarteirão, bairro ou macisso maior de monte, vale ou promontorio (a subordinação do elemento residencia, emfim, n'um todo monumental, decorativo) onde é que existe? ou quem deu aqui por ella alguma vez? Em ruas, quarteirões, massas inteiras de cidade, surgidas em folha, da terra inculta, e que poderiam ter-se delineado em conjuncto, calculando d'antemão o efeito architetonico sob os aspectos da magnificencia ou graça scenographicas, deixou-se completamente o capitalista á solta de recorrer ás sabenças de mestre Izidro ou mestre Antonio, ou aos projectos de Frangipana architeto, mui perito em palacetes-curraes e predios-comodas, prototypos de morada do lisboeta imbecil que paga de 300$000 a 700$000 réis por cada andar — venho a dizer o juro do capital com que qualquer artista lhe haveria feito um ideal de palacino esbelto, *entre cour et jardin*, e numero unico, que não reproducção banal de cadernos francezes do *Perfeito Constructor*, n'alguma d'essas avenidas novas que, com outras casas, outros municipios, outras gentes, seriam paraizos de elegancia e de bem estar.

Que barbaridades, que bestealidades, que escoicinhar de burros no bom gosto, que crimes insolvaveis de belleza, sem freio singram, a capricho da manteiga e do arroz endinheirados, do vinho a copo, da agiotagem podenga, da carne sêcca e da *loja d'armarinho* volvendo á patria abarrotando d'oiro em burras prenhes! E como a mediocreira dos intellectuaes, a inprogressividade dos ricos, a ignorancia e a inação dos dirigentes, até na architetura d'esta pobre Lisboa, rezumo do reino, deixam seu rastro nefando, e vão contribuir centenas d'annos (pois nem em todos os seculos se fazem reconstrucções em massa de cidades) para o atrazo da terra, para a execração dos posteros e para a nausea colerica dos psychologos *patriotas!*

Aquella rotunda ou grande praça de Pombal, á entrada d'um parque, no extremo terminal d'uma grande avenida... Feita para coração da Lisboa nova, da Lisboa do periodo cooperativista e collectivista, em que as associações pretendem fixar as prerogativas do direito, e são a força, essa praça devia ser o Terreiro do Paço socialista, d'uma Lis-

Algumas das edificações da Lisboa moderna (Avenida da Liberdade

boa socialista, o coração proposital da nova vida civica, como o outro ficou, da burocratica.

Estaes a vêr o que seria n'um platô de terra franceza, n'um accrescimo de bairros de Paris, essa rotunda symbolica, tendo ao serviço da sua monumentalisação todas as artes aristocraticas do seculo. A municipalidade a haveria mandado planear d'um jacto (assim como a nossa o deveria ter feito) e pouco a pouco realisado á guiza d'ella ser na esthetica d'ar livre, não uma circumferencia de casas sem beleza symetrica, nem ordem, mas algum galhardo cantico de pedra ao triumpho immortal do pensamento, alguma peça d'efeito, integrada n'um todo architetonico. Nos quatro pontos cardeaes, palacios de cupulas, torres, columnatas, que escusavam ser immensos, e seriam construidos pelas associações p'ra sua séde: a das Sciencias Medicas, a dos medicos portuguezes, a dos pharmaceuticos, a dos enfermeiros, a das parteiras, n'um grupo: a Industrial, a Commercial, a dos Lojistas, n'outro grupo... Logo, os intervallos ou bandeletas do circulo, preenchidos por palacios de comicios, exposições de pintura, productos agricolas, industriaes, coloniaes, conferencias, concertos—e no que sobrasse, residencias privadas, todavia mantendo o seu typo symetrico, relacionado no *ensemble*, obedecendo a alguma bela traça decoral...

Estão d'ahi seguindo, não é verdade? a longa arcaria, alta e camposa, fazendo o circulo da praça (Portugal parou no typo d'arcada ou supportal do Terreiro do Paço, cuidando se esgotára este admiravel motivo architetonico!) as escadarias d'acesso aos palacios dos pontos diagonaes, as columnatas solemnes, as torres gracis, de varandins, pinaculos, tympanos; logo, no fundo, o parque, com a rica grade forjada, os belvederes e cascatas de fontes que poderiam opulentar-lhe, solemnisar-lhe o acesso (n'este paiz de canicula onde burrifos d'agua são medicamento e não deleite), e fugindo á direita e á esquerda, em rampas longas, em cobras perspectivaes, as duas avenidas, que bem podiam deixar a architetura da praça por via de porticos cobertos, ou simplesmente, aos dois lados, estatuas de contemporaneos, não postas ao centro da via, mas nos cantos cortados dos predios-topos, e com integração no todo architetural, monumental.

◉

Ao principio da calçada do Salitre, onde hoje sita o palacio Mayer, que o premio Valmor tocou, como vae tocando outros casarões, parece que de proposito escolhidos entre o mais gebo e peor que as artes de construir teem deitado, estava a casa da marqueza d'Alorna, que lá morreu, e foi da familia Krus até á feitura das ruas novas e bairros jacentes á Avenida. Tem essa

O que poderia e deveria ser a rotunda do Marquez de Pombal, coroamento da Avenida da Liberda'e.—A entrada para o parque Eduardo VII

casa um pedaço de parque marginando o jardim da Polytechnica, e houve falas de vir a ser adquirido pela camara, o que não teve logar por uma differença ridicula de vinte ou trinta contos. A casa velha em terra, teriamos aberta, da Patriarchal á Avenida, atravez os jardins da Polytechnica, uma sahida rica e aristocratica, por onde as carruagens subissem e descessem, sob as arvores ligadas dos dois parques, a que se fabricaria, sobre a Avenida, sua entrada d'estylo *grille*, um hemicyclo d'estatuas ou columnas, onde muito bem podiam estar Brotero e Garcia da Horta, por exemplo...

Imaginam d'ahi um pouco a perspectiva: a grande montanha calma, descobrindo-se toda da Avenida, envolta em verdes, rica de tons, como um bosque de templo japonez: clareiras de jogos, macissos de hortos, murmurios de correntes—profundas ruas de palmeiras e magnolias, que por uma banda e outra meandram e se perdem... Depois, a cavalleiro da montanha, a Polytechnica, branca e monacal, de severos perfis, as torres do Observatorio, destacando-se no verde; d'ahi, nas tardes de sol, sob o recolhimento das frondes, a bicha surda dos carros estallando na areia da descida, confluindo em ribeira, entre os flabelos das palmas, para o grande rio da Avenida...

Não era esplendido? Não tinha sido um beneficio para a circulação crescente d'esses bairros altos e distantes, aproximal-os da Baixa por essa alameda de luxo, estragada quasi para a vida? Hein?—E completar a escoante com as projectadas e nunca realisadas pontes de S. Pedro d'Alcantara ao Campo de Sant'Anna, por cima da Avenida, e a de Sant'Anna á Graça ou ao Castello, sobre a rua da Palma, em vez da população dos bairros excentricos continuar a enxurrar e confluir aos focos de vida, atravez antigas ruas ladeirosas e miserrimas do *Monge de Cister* e da *Mocidade de D. João V.*

◉

Para que lembrar outros embelezamentos de que já hoje se deixou ou está deixando passar a opportunidade? A praça Saldanha, que no mesmo caso da Pombal, foi planeada d'um bloco, e podia ficar sendo um dos encantados sitios da Lisboa recente, caso o municipio tivesse levado os constructores á adopção de certos typos de casa integrados n'um aro ou todo architetonico, lá está cheia de casarões e cubatas imbecis, com um jazigo baroco ao centro, onde me dizem vão pôr o marechal—ponto é que o Senhor dos Passos, a quem elle ficou a dever 40 contos, não determine penhorar-lhe o poleiro e a vera effigie, com o que nada perderiam as artes monumentaes d'este paiz.

Sae d'essa praça uma avenida immensa, *Ressano Garcia*, que entra no Campo Grande em linha recta. N'esta tambem, o casario que por lá se ergue historia o gosto caraíba dos architetos e dos donos, a inconsciencia acobardada da camara, o estado de selvageria boçal em que isto está. Não houve quem se lembrasse de fazer d'esse *corso* uma coisa magnifica, creando typos de prediosquinas, com resalto de tectos e de fórmas, regularisando as fachadas dos intermedios, de sorte a esse immenso corredor ser um agradavel deleite dos olhos e do espirito. No ponto em que a Avenida Ressano entra no Campo Grande, dizia bem um arco de triumpho ou um grande hemicyclo d'estatuas e cascatas, por cujas pontas as carruagens curvejassem, deixando um *salon* no concavo, para *terrasse* de restaurants e de cafés, e que ao mesmo tempo servisse de palco ou fundo sobre que fazer convergir as ruas do parque, e destacar perspectivas de macissos.

Vão mais exemplos?

—A Avenida da India, que, ao iniciarem-se os trabalhos, propozémos se aproximasse do rio, o mais possivel, e com o triplo da largura que tem hoje, fosse enfileirando no relvão central, por ali fóra, a começar d'Algés, até Santa Apolonia, estatuas de todos os heroes das descobertas e conquistas, o que daria ao estrangeiro que entrasse o rio, com essa fileira de colossos, uma idéa senhoril do povo luzo, e á beira-mar lisboeta uma cara soberba de receber visitas... e as pagar...

—E ainda, seguindo a mesma idéa de methodo, proposta, emquanto a Avenida da India fosse a galeria dos ancestros cyclopicos, dos ferrabrazes lendarios, bem podia a da Liberdade servir de salão contemporaneo, ir recolhendo nos seus relvões, d'ambos os lados, todas quantas gentes merecessem da gloria, e valesse a pena fixar na perpetuidade cultual das gerações.

N'esta seriam só monumentos pequenos, de busto e sóclo, na base alguma figura symbolica ou beniterio para flores nas datas biographicas. Todos os modernos immortaloides da vida burgueza, todos os heroismos vegetes da recente epopeia ultramarina, todas as celebridades minusculas emfim, um pouco feitas d'aquillo que chamariamos o Kosmos nacio-

nal contemporaneo — philantropos, politicos, comediantes, poetas, pintores, *irózes* d'Africa, almirantes de lanchas-canhoneiras — ali poderiam defrontar, adentro do impassivel bronze, os juizos da historia, pela bocca cynica dos passantes. E por ventura isto intellectualisaria o ar, tão denso de matitez palurdia, crearia, quem sabe! no subconsciente da turba, o mundo de viricultura e espiritualidade esthetica, e hiperesthesia moral, de que tanto ha mister essa canalheta futil que faz o substrato da cidade, e tem nas cagádas dos passaros da Avenida principal recompensa dos seus ocios.

A mallograda communicação dos jardins da Esco a Polytechnica e Avenida da Liberdade, que por uma mesquinha questão de preço deixou de realisar-se

◉

—Com os grandes alagadios que as obras do porto de Lisboa teem comido ao rio, da banda da cidade, avançaram as muralhas-caes té um plano anterior ao do embarcadoiro central da Praça do Commercio, resultando esta ficar no fundo d'uma especie de doca, porque com o correr-se o aterro, não fosse perdida a maravilha principal d'essa construcção sumptuosa, qual a de baterem-lhe as marés do Tejo os fundamentos.

A' data d'este escripto andam a erguer de novo as columnas de pedra, de 8 metros, que na ponta do embarcadoiro faziam parte do plano primitivo da praça, e a desprumada lenta do caes, pelo embate das aguas, haviam derribado e submerso ha alguns annos. Ora a reposição das columnas, que era medida d'acerto antes do embarcadoiro do Terreiro ficar no fundo da dóca, agora acho-a de mui apoucada comprehensão decorativa para esse recinto marinho algo vasto, que recúa o panorama da praça, visto do mar, e por isso mesmo reclama monumentalisação mais teatral, e uma a modos antecamara que desbanalise a insulsez da doca, que em pouco tempo terá o encardido ar d'uma latrina.

Direi agora como eu em conjuncto vejo, estando na agua, a quarenta metros do caes, erguer-se ante mim essa sumptuosa Praça do Commercio, unica coisa grandiosa que á beira Tejo sita, de quanto a chamorrice da gente edificou n'este caravanserail immenso de Lisboa. Toda á beira da doca uma balaustrada de marmore, alta e severa, aberta de balaustres, no estylo da praça e mais dos bancos de pedra que lá pozeram ha pouco, sob as arvores. Em toda a muralha e rampados do embarcadoiro que lá vemos, e pertence á primitiva traça pombalina do Terreiro, balaustradas do mesmo typo correriam por todos os rebordos, seguindo os muros parapeitos, bordando as rampas das escadas lateraes e plano inclinado central; e essas balaustradas interrompidas em pontos symetricos por macissos pilares empoleirados d'estatuas colossaes, sentadas e agrupadas, ao gosto dos rios da Avenida, ou dos grupos allegoricos do pedestal da estatua de D. José — e que alternariam com outras, sustentando, em lanços de bronze, gigantescos pharoes, d'electricidade ou gaz, conforme fôr. Entre esses grupos seriam mais fornidos e d'expressão apotheotica (elephantes, cavallos, victorias trombeteando, genios meduzares correndo á agua, luctas athleticas de leões e de centauros) todos os que, defrontados do rio, canalisassem os olhos do touriste para a contemplação da praça em bloco; *verbigratia* os que sobre a correnteza da muralha-caes, marcam a reintrancia ou inflexão d'essa muralha para a doca, e os que ás bandas do plano inclinado central fizessem avenida até ao terrapleno do Terreiro.

Um pilar da projectada ponte de S. Pedro d'Alcantara ao Campo de Sant'Anna

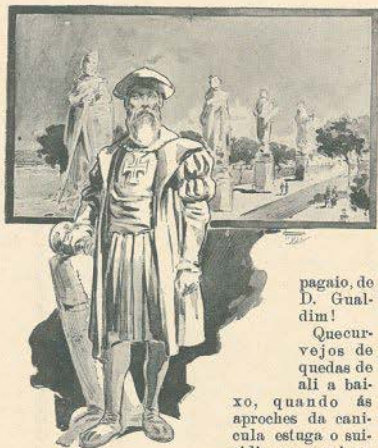
O recinto illuminado e magnificado de obras de arte, a praça com mais luz, e auctorisada uma tenda e *terrasses* para cervejar e sorvetear nos mezes de calor, ahi tornaria o lisboeta a tomar fresco, pelas noites e tardes, n'esse Terreiro do Paço famoso outr'ora, em tempos de D. Maria I e D. José,

Uma das entradas do viaducto—Aspecto da Avenida da Liberdade atravessada pelo viaducto entre S. Pedro d'Alcantara e o Campo de Sant'Anna

quando era moda *fazer a lage*, como então se dizia, sem nenhum synthaxico pegar, como hoje péga, quando alguem diz que vae fazer o Campo Grande.

—A ponte sobre os vales da Avenida e rua da Palma, ligando S. Pedro d'Alcantara a Sant'Anna, e esta á Graça ou Monte do Castello, era uma obra de seguro effeito scenographico, gigantesca e pernalta, barrando o ar n'um salto audacioso. Sobre o facto d'estabelecer entre bairros periféricos uma grande circulação, rapida e mais curta, tinha ainda o predicado raro de cortar as casarias monotonas d'esta cidade sem cupulas nem torrelas, com um magnifico jogo de obras d'arte.

«No ponto em que a Avenida Ressano Garcia entra no Campo Grande dizia bem um arco triumphal...»

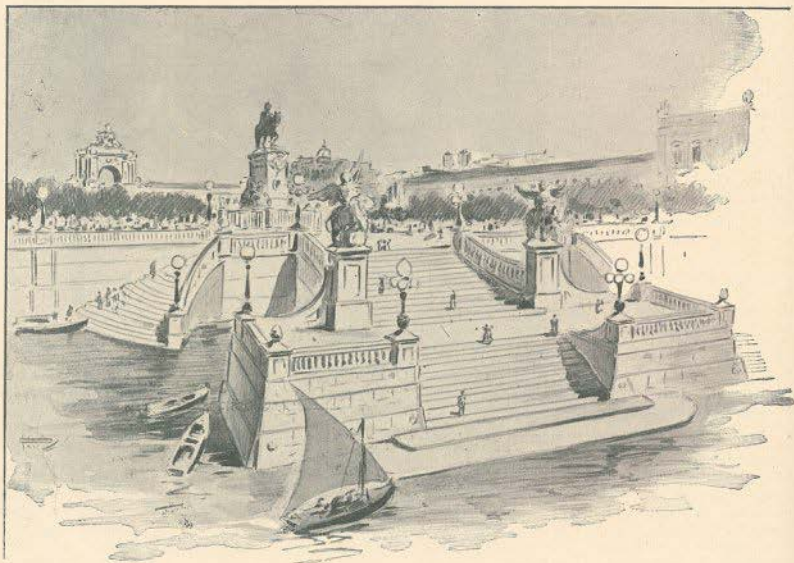
Percorrer em manhãs e tardes essa avenida a 80 metros do solo, bordada de passeios e refugios suspensos sobre misulas, vendo por baixo vertiginosamente ferver a bicharia dos bairros pobres, a avenida estender-se em regueiros brancos e verdes, d'asphalto e folhas d'arvores, na estonteação do ar livre, com horisontes de vôo de aguia, seria um d'estes prazeres sybariticos que os cogitadores de chimeras agradeceriam a Deus, como antevisão do paraiso dos maduros. Que vagabundagens por ali, nas noites quentes, perorando no ar pulchro, sobre a madorna bronca do burgo, as velhas questões que fazem chispar o olhito rugoso, de pa-

Um aspecto da Avenida da India

pagaio, de D. Gualdim!

Quecurvejos de quedas de ali a baixo, quando ás aproches da canicula estuga o suicidio os cerebros fracos, a pretexto d'uma firma imitada n'uma letra, ou d'um *monsieur* topado na alcova conjugal em suspensorios! Essa ponte, sobre os seus pégões de pedra, cyclopicos, cingidos de elevadores para o formigueiro maluco das subidas e descidas, marcaria nos fastos da cidade o advento d'uma epoca novissima, agitada, em que se confundiriam as linguas, como em Babel, sem receio da colera do Senhor!

E como seria forçoso arranjar coração para essa aorta, no ponto de chegada da ponte, adentro dos muros da alcaçova ou cidadella da Lisboa historica, veriamos levantar-se — a vêr o que? — nada menos que um palacio da Alcaçova, não o antigo palacio dos kalifas mouros, remendado e accrescentado desordenadamente pelos reis portuguezes, até D. Sebastião, conforme se lê nos suggestivos apuntos da *Lisboa Antiga*, mas alguma coisa offuscante, assim como um gigantesco solar de polychromias e de rendas, ferro e cobre dourado, faiança e marmore branco, o quer que fosse da cabeça d'esta cidade immensa de colinas, d'esta rainha deitada em que tudo são hombros e joelhos, por falta d'uma corôa heraldica que sobre um morro classico altivamente a sagre e lhe dê brilho.

Para que serviria o tal palacio da Alcaçova? diriam.

Para tirar noites e tardes de Lisboa (as do verão principalmente) da pacatez provincial em que os estrangeiros anno apoz anno veem topal-a. Todos dizem que a terra é linda e o clima voluptuoso, apesar da nortada bronchitica e da immundicia levantina; mas que fazer ás noites n'uma terra de gente mazombia e mulheres feias, em que a magia das noites não póde mais gozar-se em es-

O Terreiro do Paço visto do mar depois da ampl ação monumental do caes de desembarque

planadas de cafés e *music-halls*, á beira d'agua, ou ante panoramas exhaustantes, sobre corôas de colinas, atirando dinheiro sobre roletas — ou em circos de verão, ouvindo concertos e fundindo na bocca gelados, sob arcadas de columnatas e velarios, em cadeiras de verga polychroma?

Evidentemente falta brindar a cidade com os attrativos e vicios que a gente culta e rica tem por passatempo, pois, além das capitaes não engordarem hoje de virtudes, é certo que um pouco de deboche activa a civilisação dos povos bisonhos, e é um maravilhoso factor de suggestões. Roleta, mulheres, circos de verão, theatrofones, musica classica, athletica, mascaradas, festas de caracter pictoresco e popular, tudo isto poderia incluir-se n'um *Yoshiwhara* feerico e colossal, casino e circo, bibliotheca e restaurant, velodromo e frontão, hall de concertos e theatro d'opera, n'esse recinto do chamado Castello de S. Jorge, adentro da cinta de muros onde foi outr'ora o rouqueiro da cidade (e isto sem lhe bulir nas pedras historicas) e hoje gorgulha uma infecta caserna de soldados.

Uma exposição industrial no futuro parque Eduardo VII

Vestir a montanha toda de cyprestes, cujo destaque decorativo, sobre a casaria, era soberbo, abrir elevadores da cidade baixa até ás portas historicas da muralha, e nos terraplenos erguer o monumental palacio, que fosse uma maravilha d'elegancia e de riqueza, com torres, cupulas, eirados, galerias abertas, varandins, extensas esplanadas; e n'esse isolamento do ar, com toda a cidade em plano inferior de roda da montanha, encher o paraiso de fogos claros nas noites estrelladas, de musicas e ruidos festivos, inaugurar n'esse castello a era da vida alegre, da elegancia copurchic, da chimera azul, do *farniente* intellectual que o forasteiro necessita e o portuguez ignora, e a que se prestaria maravilhosamente a situação unica d'esse morro mirando o deslumbrante estuario do Tejo, a sumptuosidade do ar, a diafaneidade do ceu e dos contemplativos montes da outra margem.

Com um Estoril e um Cascaes estação d'inverno e batota cosmopolita, previlegiada conforme o typo da proposta franco-belga de ha seis annos, que afugentou a *pruderie* d'umas pessoínhas tão virtuosas quanto estupidas; com um palacio da Alcaçova subsidiar de diversões menos ruinosas e mais finas: com dois ou tres *corsos*, praças, parques, ageitados mais ou menos á traça monumental, architetural, que deixo dita; com um municipio menos sujo e habitantes mais ciosos do lustre da sua cidade, Lisboa entraria de vez no armorial das capitaes vertiginosas onde deliciosamente a vida se grelha no estonteio das quotidianas sensações, e só então haveria motivos para chamar o estrangeiro e reclamar as scintillações do bello sol, que nós não inventámos, e do bello clima, que afinal, cavalheiros—*es una broma colossal*.

FIALHO D'ALMEIDA.

O palacio das festas no morro do Castello, coroando a cidade com as suas cupulas

III

ANNA PEREIRA

«On revient toujours àses prémiers amours...»

Anna Pereira, que ha cinco annos decidira abandonar para todo o sempre o theatro; que fizéra uma fogueira de todos os seus papeis; que rasgára a maior parte dos seus retratos — documentos admiraveis do cyclo d'oiro do theatro portuguez— ; que vendera inclusivamente a sua caixa de caracterisação; que resolutamente afastára de si tudo o que a prendia á memoria de quarenta annos de triumphos; que resolvéra com a sua proverbial força de vontade nunca mais na sua vida pisar as taboas d'um palco,— Anna Pereira, muito instada pela gerencia do theatro de D. Maria, que lhe propoz escriptura para a presente época, decidiu finalmente, depois de cinco annos de repouso e de renuncia, voltar aos seus «primeiros amores.» Poude mais n'ella a saudade dos ainda recentes triumphos, do que a memoria dos desgostos que a levaram a abandonar o theatro. A principio hesitou; sentiu o travo de amargura d'essas recordações menos felizes, que a sua extrema impressionabilidade ampliára até ás proporções de desgostos profundos; mas, por fim, a sua face ainda rosada e fresca animou-se, os olhos brilharam-lhe com a viveza dos tempos aureos da *Madame Angot* e do *Barba Azul*, o coração bateu-lhe mais forte, mais apressado, a scentelha acordou debaixo da cinza d'esses cinco annos perdidos, —e Anna Pereira, com muita pena de ter rasgado os seus antigos retratos, de ter feito uma fogueira dos seus antigos papeis, de ter vendido n'um accesso de mau humor a sua propria caixa de caracterisação, ahi está de novo, d'aqui a alguns dias, a representar em D. Maria a *Mantilha de Renda*, quem sabe se mais tarde o *Juan José*, talvez com o andar do tempo a *Marechala*... *«On revient toujours à ses prémiers amours»*: como havia a illustre actriz de se furtar a um destino mais forte do que a sua propria vontade?

Anna Pereira pode pois considerar-se de novo na plena actividade do seu *métier* e na plena evidencia do seu talento incomparavel. Ao repouso obstinado de cinco annos vae seguir-se o trabalho ininterrupto de todos os dias. Á Anna Pereira *ménagère*, obscura e placidamente aninhada no seu 3.° andar da rua do Sol, succederá a Anna Pereira comediante, guardando ainda, apezar dos seus sessenta annos, a viveza d'uma *soubrette* de Molière ou de Marivaux. As attenções d'este pequeno meio, que é afinal um «grande meio» de theatro, vão outra vez fixar-se sobre esse nome tantas vezes repetido pela mocidade doirada de 1868, evocar a tradição dos seus enormes triumphos, recordar um pouco o passado atravez os lindos olhos do Principe da *Gata Borralheira* ou do *maillot* negro do garoto e suggestivo *Boccacio*. Com os seus cabellos já quasi brancos, o passado renascerá. É esse passado anecdotico que a *Illustração* hoje tenta resurgir, não só como homenagem á illustre actriz, mas como documento interessantissimo para a historia da arte de representar em Portugal durante a segunda metade do seculo XIX.

◉

Anna Pereira, — como Virginia, como Manoela Rey, como Rosa Damasceno, como Lucinda Simões, como Adelina Abranches, pertence ao numero hoje infelizmente restricto das actrizes que começam cedo. Dos 14 para os 15 annos, em 1860, fazia a sua estreia no theatro do Gymnasio, então explorado em sociedade pelo Taborda, Machado, Emilia Candida, Romão, etc. A peça que teve a honra de servir para a apresentação de Anna Pereira chamava-se *Peccados do seculo XIX*, e era original de Braz Martins,—esse singularissimo typo que foi no seu tempo auctor e actor, que quiz vestir o Christo do *Evangelho em Acção* com uma peça de panno de linho, e que andava pelas ruas de Lisboa, muito alto, os olhos vermelhos de conjunctivite, uma sobrecasaca muito velha, um chapellão de séda na cabeça, a apalpar constantemente na algibeira do peito a caixa d'oiro para rapé que lhe déra El-Rei D. Fernando. Foi talvez esta peça a primeira revista do anno que se escreveu em Portugal. Pode considerar-se a *Mère Gigogne* do genero,—se não quizermos, por preoccupação historica, remontar a Gil Vicente. Embora não tivesse ainda o nome de «revista», porque semelhante designação appareceu mais tarde, a peça de Braz Martins já adivinhava entretanto o futuro córte do genero, as figuras symbolicas, o episodio léve, a caricatura politica. Foi a verdadeira predecessora do espirito subtil de Schwalbach. Entrava o grande Santos Pitorra, então apenas escripturado; entrava a Letroublon, a futura *Grã-Duqueza* do Principe Real, cuja belleza e cuja vida aventurosa começavam a dar brado; entrava a Margarida Clementina, irmã de Anna Pereira, como ella debutante e como ella cheia de talento. Á Florinda, que apenas se estreiára e que era uma mosquinha morta, sem vivacidade e sem graça, distribuiram, no *Côro das Nações*, numero sensacional da peça, o papel de *China;* á Anna Pereira, cuja viveza já se preadivinhava, e cujo olhar, apesar dos seus 14 annos adolescentes, tinha a alegria d'um capote vermelho e o brilho d'uma *jota* aragoneza, confiaram o papel vivo e endiabrado de—*Hespanha*. Escusado dizer que foi um successo,—e que a Hespanha venceu em toda a linha. A actriz que devia, mais tarde, ser o arbitro dos grandes exitos da Trindade e arrastar o publico atraz da sua voz

Anna Pereira na «*Noite e Dia*»—Anna Pereira e Lucinda do Carmo na «*Marechala*»—Anna Pereira na «Manola» da «*Noite e Dia*»

d'oiro e da sua esveltéza de corça, ficou desde logo sagrada para os grandes triumphos. Taborda, que lhe admirára sobre tudo a naturalidade, todas as noites a seguia com os olhos, d'entre bastidores, encantado com a *sans-façon* da rapariga, e um bello dia, elle que pouco falava, sahiu-se a vaticinar para o Romão Martins, n'uma expressão aberta da sua face hilariante que parecia modelada em cortiça:

—Aqui onde a vês, esta pequerrucha vae longe!

E foi. Tinha o estofo da comediante. Foi-lhe facil vencer, sem escalada, pelo seu proprio valor, varrendo a feira. D'uma extrema vibratilidade, communicativa e desenvolta, o publico adorava-a, deixava-se arrastar por ella, achava-lhe uma graça infinita, amimava-a como a uma creança.

—«Partido sobre o publico, ninguem o tem como a Anna» —dizia Francisco Palha, ás vezes, quando os caprichos da Florinda, da Rosa ou da Manoela o atormentavam. Tambem, ninguem no theatro portuguez do tempo estava mais á vontade em scena do que ella, com mais plena certeza do seu exito, da sua força, do seu prestigio. Apesar de nervosissima, de extremamente impressionavel, cobrindo-se de suores frios á mais pequena commoção ou á mais pequena contrariedade,—uma vez em scena, Anna Pereira era a creatura mais placida, mais calma e mais imperturbavel d'este mundo. O peior era nos bastidores, antes de entrar: então sim; ás vezes os nervos atacavam-na, tremia toda, confundia as palavras do papel, e até que chegasse o momento da deixa estava n'uma verdadeira afflicção. D'ahi episodios engraçadissimos, perfeitas *gaffes* profissionaes, que o publico, longe de commentar desfavoravelmente, applaudia com ovações estrepitosas. Um bello dia, logo ao começo da sua carreira, representava-se no Gymnasio uma peça traduzida pelo Santos Pitorra, *Os Effeitos da Photographia*, em que Anna Pereira fazia a ingenua,—uma menina de saia de balão e botinas de duraque, que a certa altura tinha de entrar em scena, doida de contentamento, exclamando:

—«Ai que grande felicidade! Fui pedida em casamento!»

Anna Pereira estava entre bastidores a conversar e a rir, n'uma roda de *habitués* e de actrizes, á espera da deixa; mas a conversa interessou-a de tal maneira e o barulho era tanto, que a deixa passou, a campainha d'alarme tocou afflictivamente, todos chamaram—«Anna! Anna!» e a illustre actriz, atrapalhada, nervosissima, atarantada por ter faltado, rompe pela scena dentro, e dispára ao publico com a maior convicção do mundo:

—«Ai que grande afflicção! Fui pedida em casamento!»

Não se calcula o successo. Basta dizer-se que a scena se interrompeu para fazer uma ovação a Anna Pereira!

Mais tarde, no Principe Real, n'uma peça chamada *A condessa de Villar*, aconteceu-lhe uma partida semelhante. Tinha duas entradas, uma no 2.°, outra no 3.° actos, em circumstancias quasi identicas, para apartar dois conflictos. No 2.° acto, vinha disfarçada de homem, tricorne, casaca Luiz XV, cabelleira de polvilhos, bota alta, espora doirada, e entrava bruscamente, crescendo para os desordeiros em voz grossa:—«Raios os partam!». No 3.°, pelo contrario, vinha de grande dama, para um baile, decotada, rugindo sedas sumptuosas, fazendo oscillar lentamente um pequenino leque de plumas, e dirigia-se, n'um sorriso, a dois fidalgos que se desafiavam:—«Então, meus senhores...» A peça tinha-se representado sempre sem que houvesse a minima confusão ou a minima *gaffe*. Uma noite, porém, Anna Pereira entrou no theatro muito apprehensiva, com a preoccupação de que podia trocar sem querer as duas phrases d'entrada. Ao abrir o camarim, disse logo para a costureira:

—Tu verás que faço hoje tolice no 3.° acto!

Decorreu a representação, a illustre actriz já não pensava em semelhante coisa, estava conversando nos bastidores durante o 3.° acto da peça, decotada, cheia de joias, vestida de grande dama do seculo XVIII; n'isto vem a deixa, os dois fidalgos brigões gritam em scena, Anna Pereira atrapalha-se, julga-se ainda no 1.° acto,—e de repente, o publico tem a surpreza de vêr entrar por ali dentro a linda e nobilissima condessa de Villar, de léque de plumas, saia de *paniers* e tacões vermelhos, gri-

tando para os fidalgos com uma voz soturna de mosqueteiro:

—Raios os partam!

Foi outra ovação. O publico gostava tanto de Anna Pereira, que a applaudia até nas suas proprias distracções!

Ao contrario de Virginia, que durante quarenta annos se immobilisou no mesmo theatro,—o de D. Maria,—Anna Pereira póde dizer-se que percorreu todos os theatros da capital, fazendo farça, comedia, operetta, drama e inclusivamente tragedia. Poucas comediantes portuguezas teriam tido uma vida mais accidentada e mais ruidosa,—não por espirito de aventura ou por manifesta inadaptação, mas por simples obra do acaso que dispunha sempre as coisas de modo a crear-lhe situações incompativeis com a sua excessiva e quasi doentia susceptibilidade. Anna Pereira, cujo caracter é primoroso, teve talvez durante a sua vida artistica o pequenino defeito de exigir do meio de theatro mais do que esse meio podia dar em materia de delicadeza e de seriedade. Julgava todos por si, aferia todos os caracteres pelo primor do seu,—e d'ahi o ferirem-na profundamente pequenas desattenções que a outras menos susceptiveis mereceriam apenas um encolher de hombros. Com um pouco mais de philosophia e de conhecimento do meio, de placidez e de bom humor, a sua vida de actriz teria sido talvez mais tranquilla e mais commoda,—mas não seria evidentemente tão pittoresca e tão variada. Foi um bem? Foi um mal?

Pouco depois de se estreiar no Gymnasio, começou logo a sua odysséa: partiu para Coimbra, com a irmã, a trabalhar n'uma companhia de terceira ordem onde o seu talento estava deslocado,—recurso provinciano que só poderia ser-lhe funesto e que não significou para os seus interesses uma melhoria apreciavel. Foi lá que Cesar de Lima a foi buscar para fazer parte do elenco do novo theatro do Principe Real, havia pouco construido, e que devia abrir em 28 de setembro de 1865, com a peça *Dois pobres a uma porta*. Foi logo n'essa peça que Anna Pereira reappareceu ao publico de Lisboa,—depois de varios incidentes a que deu logar a rescisão do seu contracto de Coimbra. Agradou muito, como sempre,—mas pouco tempo se conservou no theatro da rua da Palma: passada uma época estava de novo no Gymnasio (1866) a trabalhar ao lado do illustre Santos Pitorra. Entretanto, já começava a construir-se, pelo impulso d'esse grande emprezario que foi Francisco Palha, sobre as ruinas solarengas do palacio d'Alva e perto d'outras ruinas venerandas do convento dos Trinitarios, o actual theatro da Trindade. Eram precisas actrizes-cantoras; Anna tinha uma linda voz de crystal, era desenvolta, alegre, sabia o seu pedaço de musica: Francisco Palha não hesitou e deitou-lhe a mão. Dois annos depois (1868) á espera que se désse o ultimo reboco no theatro da Trindade, a illustre actriz estreiava-se em D. Maria, de que era emprezario o mesmo Palha—um verdadeiro *trust!*—representando as *Tentações do Demonio*

Anna Pereira em 1899.—Anna Pereira no «Ultimo Figurino» [1891].—Anna Perei a em 1877

ao lado de Theodorico, de Tasso, de Emilia das Neves,— e em 13 de junho de 1868, dia de Santo Antonio, inaugurava o lindo e então ventiladissimo theatro da Trindade (nada menos de 178 ventiladores abertos!) cantando, entre um delirio de ovações, a deliciosa parte da camponeza do *Barba Azul*. Todos sabem, por tradição, o que foi esta memoravel noite em que Frondoni chorava de alegria, Francisco Palha dançava lá dentro n'um camarim, e toda a gente agitava os lenços n'um triumpho tão grande ou maior ainda do que o da *Grã-Duqueza de Gerolstein*. Foi um verdadeiro duello: no Principe Real, a Letroublon, já celebre pelo seu banho de Champagne, fazendo a *Grã-Duqueza* a primor; na Trindade a Anna Pereira, a Delfina, a Rosa Damasceno, o Leoni, o Isidoro, o Brazão, o Queiroz, realisando o melhor conjuncto d'operetta de que havia memoria em theatros portuguezes. Qual ia melhor? A *Grã Duqueza*, ou o *Barba Azul?* Qual preferiam,—a Letroublon ou a Anna Pereira? Qual o melhor emprezario,— o Santos Pitorra ou o Francisco Palha? As perguntas faziam-se, havia partidos, jogava-se o murro pelas esquinas,—e o publico continuava a encher ambos os theatros, a festejar egualmente a Anna e a Letroublon, a applaudir do mesmo modo o Santos e o Palha, e a fazer, sem se aperceber d'isso, o successo incontestavel da operetta ligeira em Portugal.

D'ahi por diante, Anna Pereira nunca mais descançou. A sua vivacidade, a sua voz d'oiro, o seu talento tão novo e tão original, o seu prestigio sobre o publico deram-lhe desde logo direito aos primeiros papeis,—a todos os papeis. Ao grande exito do *Barba Azul*, em 1868, seguiu-se o grande exito da *Gata Borralheira*, em 1869. Foi n'esta peça que Anna Pereira vestiu pela primeira vez *maillot*. Quem mais ou menos conhece a psychologia da mulher de theatro, sabe que, para uma actriz d'operetta, a noite do primeiro *maillot* é tão cheia de recordações como a noite do primeiro triumpho. Quantas duvidas, quantos receios, quantas torturas ignoradas esconde a malha de seda côr de rosa que uma actriz veste pela primeira vez! Para quantas creaturas de talento a necessidade d'essa violação de mysterios intimos importou a renuncia d'uma carreira talvez brilhante e cheia de promessas! Anna Pereira foi uma das muitas actrizes portuguezas que tiveram, bem nitido e bem irreductivel, o horror pelo *maillot*. Quando assignou a sua escriptura de contracto para a Trindade, entre as condições por ella impostas a Francisco Palha estava a de que nunca por principio algum seria obrigada a fazer *travestis*. Durante um anno, as coisas correram sempre pelo melhor e o emprezario teve a maior facilidade em cumprir á risca essa condição do contracto. Chegou porém a *Gata Borralheira*. Palha comprehendeu desde logo que o papel de *Cendrillon* ia a matar á Rosa Damasceno e o de *Principe* era uma luva para Anna; mas como o de *Principe* exigia fatalmente, como *travesti* que era, umas escandalosissimas pantalonas de seda côr de rosa, e Anna Pereira se obstinava em não querer vestir *maillot*, não houve remedio senão inverter os termos, dar a *Cendrillon* á Anna e vestir o *maillot* á Rosa. Assim se fez, com agrado d'ambas; estava tudo em pleno accordo e em completa harmonia,—mas quando os ensaios principiaram, tanto Anna Pereira como Rosa Damasceno começaram a sentir-se mal nos papeis, a desconhecer-se, a achar-se detestaveis, perguntaram a si proprias porquê, cogitaram, procuraram,—e comprehenderam finalmente que estavam trocadas, que aquella distribuição não podia manter-se, que a Rosa é que devia ser a *Gata Borralheira*, que a Anna é que devia ser o *Principe*. Francisco Palha, que só esperava aquelle ensejo, cahiu como um côrvo sobre a pobre rapariga:

—Ó Anna! Põe *maillot!* Então que tem? Faze-me o *Principe*, senão não póde ir a peça! Anda lá... Tu és boa rapariga... Olha que é um grande entalão!

Ella então defendia-se, protestava que não queria, que tinha vergonha, que a clausula do contracto era bem clara, que o *Principe* era um *travesti*,—e terminava, n'uma loquacidade nervosa, febril, agitada:

—Não póde ser! Não insista, sr. Palha... Depois ainda é peior! Se eu entro em scena e me vejo de pernas á mostra não sou capaz de dizer nada!

Mas Francisco Palha era teimoso. Insistiu, esgotou o assumpto, rodeou-a, catechisou-a,—e por fim, depois de muito trabalho, de muito sermão, de muita instancia, conseguiu convencel-a, rendel-a pelos argumentos e leval-a a fazer o papel. Quando chegou a noite da primeira representação, Anna Pereira, ao vestir o *maillot* côr de rosa no camarim, não teve coragem para se vêr ao espelho: limitou-se a perguntar á costureira se estava bem, embrulhou as pernas n'um chaile para descer ao palco, atravessou os bastidores muito depressa, muito embrulhada, com muita vergonha, e foi esperar a deixa para detraz d'um reprégo. A orchestra tocava, fóra; gemiam as rabecas, ouvia-se o *brouhaha* da platéa, e Anna Pereira, muito encolhida, muito envergonhada, com a pallidez a adivinhar-se-lhe por debaixo da caracterisação, não pensava senão nos binoculos mordentes que haviam de procural-a, nos segredinhos vexantes dos homens, nos commentarios parvos das mulheres, e não fazia senão repetir baixinho para a costureira:

—Que vergonha! Que vergonha!

N'isto a deixa surge no ar, as rabécas atacam a entrada do *Principe*, Anna Pereira enthusiasma-se, levanta-se de um pulo, atira o chale pelos ares, e sem pensar já no *maillot*, nem na vergonha, nem nos binoculos, nem no publico, entra pela scena dentro cheia de bravura, de desenvoltura, de alegria.

—D'ahi por diante,—conta ella ás vezes ás pessoas amigas,—representei a *Gata Borralheira*, representei o *Boccacio*, representei a *Noite e o Dia*, vesti *maillot* cem, duzentas, trezentas vezes... e nunca mais me lembrei de que tinha pernas!

✻

Succedeu então o que era de esperar: Anna Pereira, depois de tanto trabalhar na Trindade, sahiu do theatro, houve varias questões, varios conflictos que fizeram a felicidade dos *badauds* do tempo, e a illustre actriz decidiu-se a ir representar para o *Principe Real* do Porto, começando a serie das suas creações pelo *Gaiato de Lisboa*,—a mesma felicissima peça que já fôra a corôa de Sargedas e da Manoela Rey, e que havia de ser mais tarde um dos grandes exitos de Adelina Abranches. Depois, o excesso de trabalho adoeceu-a, voltou para Lisboa, foi convalescer para Bemfica,—e ahi, n'uma casinha perto da que é hoje de Ferreira da Silva, teve a honra de ser convidada por Frederico Biester para fazer parte da companhia do theatro de D. Maria II. Ahi se conservou até 1880, —data em que terminou a empreza João de Menezes e se constituiu a sociedade Rosas e Brazão. Insistiram junto d'ella para que ficasse, instaram quanto se podia instar, Rosa Damasceno empenhou os seus melhores esforços para conseguir retel-a,—mas tudo foi inutil. Anna Pereira repetia apenas, com a sua placidez e a sua delicadeza habituaes:

—Vòces ficam em sociedade,—e eu não gosto de sociedades... É por isso que me vou embora...

Voltou então para o theatro da Trindade,—o mais querido das suas recordações,—fazer chilrear a voz d'oiro que os seus trinta e cinco annos não tinham embaciado ainda, e que se conservava, como no tempo alegre de Frondoni, viva, fresca, extensa, admiravel. Ahi se manteve durante

14 annos—o seu periodo de mais longa immobilisação no theatro,—até que em 1894 passou para a Rua dos Condes onde, durante a empreza Salvador, marcou o successo brilhantissimo da *Marechala*, especie de *Madame Sans-Gêne*, creação que ficou como a mais bella talvez das creações de Anna Pereira, aquella decerto onde as soberbas qualidades e os notaveis recursos da comediante puderam affirmar-se mais definitiva e mais irrecusavelmente. Foi depois d'esse ruidoso successo que voltou para D. Maria, para junto dos seus amigos Rosas e Brazão, acompanhando-os depois para D. Amelia em 1898,—até que em 1901, em resultado d'uma serie de semsaborias cuja historia triste não vale a pena contar, regressou ao remanso da vida privada, ao 3.º andar modesto da sua casinha do Rato, cheia de sol, de tranquillidade, de bem estar, vivendo das economias da sua vida immaculada de artista, renunciando a tudo o que não fosse o seu *chez soi* confortavel e as suas recordações d'outro tempo. Julgava, na sua bondosa simplicidade, que não voltaria ali ninguem a importunal-a, a falar-lhe nos seus antigos triumphos, a lembrar-lhe as commoções da vida de theatro,—a ella que tinha liquidado todo o seu passado de comediante, rasgado os seus papeis, queimado os seus retratos, dispersado os seus *bâtons*, vendido as suas cabelleiras... Quando Joaquim Costa surgiu, em nome da sociedade, a offerecer-lhe escriptura, a grande actriz estremeceu, cobriu-se de suores frios, julgou que estava sonhando, pareceu-lhe impossivel que alguem se lembrasse d'ella,—e por fim, quando se convenceu de que era verdade, de que a reclamavam, de que a pretendiam, a ella, que ainda hoje é primeira actriz em qualquer theatro, os olhos arrazaram-se-lhe de lagrimas, sensibilisou-se, commoveu-se, e objectou apenas, na sua linda voz cheia de sentimento:

—Se eu nem já tenho a minha caixa de caracterisação!

Mas o positivo é que Anna Pereira volta ao theatro, e que d'aqui a alguns dias lá a temos em D. Maria, dizendo os versos adoraveis da *Mantilha de Renda*, e encantando com a belleza da sua «verde velhice» os elegantes de 1870, que ainda se hão de recordar, com toda a certeza, d'aquelle delicioso *maillot* côr de rosa que apparecia n'outro tempo na *Gata Borralheira*...

Era o destino que a reclamava. «*On revient toujours à ses prémiers amours...*»

A actriz Rochedo, Fernando Maia, Anna Pereira e Setta da Silva na «Marechala»

BECKFORD EM CINTRA

I

O verão de 1787 em Cintra

Uma viagem rapida de Lisboa a Cintra no seculo XVIII ◎ As 4:000 mulas da Casa Real ás ordens d'um inglez ◎ O marquez de Marialva ciceroni de Beckford ◎ O regresso a Lisboa do subdito britannico montado n'uma vassoura á garupa d'uma feiticeira ◎ As deliciosas cartas de Beckford ◎ Uma intriga politica em Cintra ◎ A ingenuidade e a imprudencia de um herdeiro da Corôa ◎ Beckford espião e delator condemna á morte o principe do Brazil, denunciando-o aos reaccionar os do governo.

«Preciso ir para Cintra, senão morro» exclamava William Beckford em fins de maio de 1787, regressando, aborrecido e cheio de calor, á casa onde habitava em Lisboa, de volta de uma abafadiça visita ao palacio do marquez do Louriçal, em Palhavã, onde residiam os tristes meninos filhos do Senhor D. João V.

Só um mez e dez dias depois conseguiu o nosso brilhante hospede satisfazer aquelle seu anhelo, partindo do palacio dos Marialvas para Cintra a 9 de julho, pelas 9 horas da manhã, na companhia do marquez, que, sendo estribeiro-mór, governando as reaes estrebarias onde havia 4:000 mulas e 2:000 cavallos, ordenou que não menos de quatro mudas se dispuzessem no curto percurso.

O mais bello retrato de Beckford

Gastaram assim Beckford e seu nobilissimo companheiro, de Lisboa a Cintra, tanto tempo como nós empregamos hoje, no comboio mixto, em vencer a mesma distancia. Effectivamente, poucos minutos depois das 10 apeavam-se no Ramalhão, na *villa* que ao inglez emprestára Street Arriaga. Havia dois mezes que o proprietario lh'a cedera, mas ainda não fôra visitada por quem lhe ia dar tanto renome. As suas impressões da vivenda são agradaveis na curta meia hora de visita que lhe consagrou, pois que d'esta vez ainda elle não ficou em Cintra. Depois de passarem pelo vistoso pavilhão desenhado por Pillement e mandado construir recentemente pelo marquez de Marialva á (1) custa de muitas mil libras esterlinas, jantaram os dois viandantes n'uma asseiada e excellente pousada, sita no centro da villa de Cintra, indo, pelo declinar da tarde, até Collares, que, positivamente, encantou Beckford.

Voltaram ainda á *villa* do Marialva (2) e regressaram a Lisboa, noite fechada. «Os batedores com archotes accesos galopavam na nossa frente a toda a brida; o vento atirava-nos o fumo e as fagulhas para a cara, e eu sentia-me aturdido e arrebatado, e experimentava uma sensação talvez similhante á d'um bruxo noviço, que se achasse pela primeira vez montado n'uma vassoura, á garupa d'uma feiticeira! Em menos d'uma hora galgámos ruidosamente doze milhas de aspera e revolta calçada, subindo e descendo os mais ingremes montes n'um galope a tal ponto precipitado, que eu esperava a todo o instante vêr-me estendido de nariz no chão; porém, felizmente,

---

[1] E' a parte sul do palacio de Seteaes.
[2] Cuja entrada nobre é na face que defronta com Penha Verde.

as mulas tinham sido escolhidas entre cem talvez, e nunca tropeçaram.»

Esse foi o primeiro e curto contacto de Beckford com a região portugueza que mais o deleitou e com a vivenda onde havia de escrever algumas das suas mais curiosas cartas de Portugal, com uma vivacidade de apreciação, com tão fina ironia cortada a espaços pelos arranques de um sentimentalismo sadio, com tamanha justeza de desenho e côres que *vivemos* decididamente com toda aquella gente da côrte e do dinheiro do fim do nosso seculo XVIII e, á certa, a vimos em movimento no soberbo scenario da verdejante e pedregosa serra, que elle nos descreve com seus arvoredos umbrosos e vetustos edificios, com suas rumorejantes aguas e dilatadas vistas.

Rainha D. Maria I

D'essas cartas, que poderiam ser assignadas pelo subtil e precioso Stendhal, o auctor da *Chartreuse de Parme*, até resalta a figura moral de Beckford, não muito em seu abono, diga-se a verdade.

A esplendida e sincera natureza de Cintra, então sem artificios, onde elle hauria vida, parece que o forçou, mau grado seu, a trahir a fleugma britannica, talvez o seu segredo, deixando nas suas cartas entrelinhas tão suspeitas que já levaram um conhecido romancista a tomal-o nem mais nem menos do que como alto agente secreto do governo inglez e como tal inimigo e porventura promotor originario da morte do principe do Brazil, herdeiro da corôa, a fim de se manter o reino no baixo nivel em que jazia e tão favoravel era aos interesses inconfessaveis da especuladora Gran-Bretanha.

Na realidade, a descripção da sua entrevista, em arido pendôr da serra para o lado de Cascaes, com essa creança ingenuamente liberal, infantilmente gabarola, permittindo-se projectar a transformação economica do seu futuro reino nas fôrmas pombalinas que não agradam a Beckford, achando o paiz opprimido e rebaixado «por pezadas e inuteis instituições», attribuindo os males de Portugal a «uma cega e enganosa confiança na politica egoista» da Inglaterra, revoltando-se contra a «humilde acquiescencia» do seu paiz «a todas as medidas que o governo inglez dictava», descripção ironica, irritada, em que o politico inopinadamente surge vencendo o artista, que até então conheceramos atravez a sua prosa tão amena como as sombras de Cintra, essa descripção é de molde a fazer-nos desconfiar do *charmeur* que nos encanta hoje, ainda que por outros motivos, como encantava a sociedade em que viveu na terra portugueza.

Alguns dos projectos que Sua Alteza teve a imprudencia de lhe descrever por miudos, taxa-os de «perigosissimos» e, da conversa resultou para elle «a mais firme crença de que—*a Egreja estava em perigo*—», o que, em linguagem corrente, quererá dizer que a influencia da Inglaterra em Portugal não estaria bem parada quando aquelle principe fosse rei, ou, tambem, que seria aquelle o argumento falso e principal da trama que im-

Salão principal do pavilhão de Seteaes p ntado por Pillement e descripto por Beckford

mediatamente ia lançar no Paço Fidelissimo, como qualquer espião, aos ouvidos do gordo, astuto, jovial e ignorante arcebispo-confessor, mola principal do governo da Senhora D. Maria I.

E tão horrivel, tão importante achou o que acabára de ouvir, que, no desempenho da sua missão, parece, correu a denunciar, talvez a condemnar, o pobre infeliz principe, um precursor sacrificado do modelar rei Senhor D. Pedro V.

Elle mesmo o diz: «Cançado e exhausto, apenas cheguei ao Ramalhão atirei-me para cima do sophá, mas a agitação do espirito não me deixou descançar. Tomei chá com avidez, e, dirigindo-me ao palacio, procurei o arcebispo confessor, que havia mais de meia hora se encerrára no seu gabinete interior, e contei-lhe tudo quanto se passára n'aquella não pedida e inesperada entrevista». E accrescenta a prova da condemnação:

Princip D. José

«As consequencias appareceram com o tempo».

Quaes foram?

Beckford se encarrega de responder-nos. Na bocca do arcebispo põe alguns mezes depois esta compromettedora tirada em que a *misericordia divina* tem estranha significação: «Uma coisa tenho eu por certa, é que se approxima alguma terrivel desgraça; e, a não ser que a misericordia divina se manifeste promptamente, não vejo fim a esta confusão, e desejo-me para fóra d'aqui seja onde fôr. Estes mellifluos palradores afrancezados, italianados, voltaireanos e encyclopedistas teem envenenado todas as sãs doutrinas. Ai de mim, continuou elle, levantando-se com uma expressão de colera e de indignação que eu nunca vira no seu rosto—os ouvidos de alguem, que eu podia nomear, estão envenenados...»

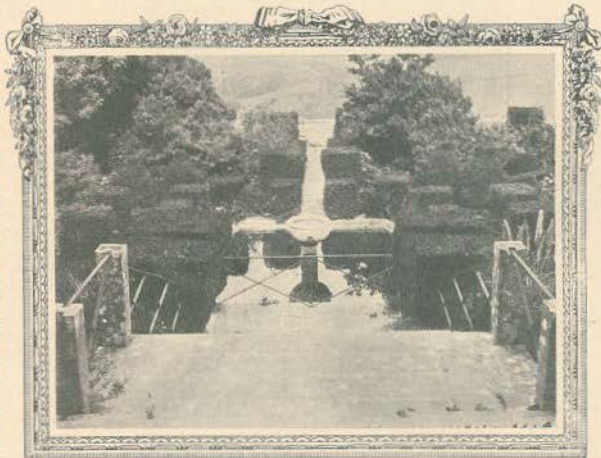
Mais compromettedora, porém, é ainda a observação com que o proprio Beckford annota a palavra *alguem*. Diz assim: «A personagem a que se allude pagou caro o ter dado ouvidos a maus conselheiros e despertado as suspeitas da Egreja. Um anno, pouco mais ou menos, depois d'esta conversação, um ataque de bexigas—que não foi combatido tão habilmente como devia ser—arrebatou-o e reduziu a sua voluntariosa viuva a um simples zero na politica da côrte, que ella principiára a agitar com grande exito.»

Á bon entendeur, salut!

Intriga amorosa com uma consulesa nova que tem um mar do velho ◎ A inauguração da casa da quinta da Alegria ◎ A colonia estrangeira em Cintra no fim do seculo XVIII ◎ O escandalo do francez e de duas damas que o tornavam o mal feliz dos homens ◎ A má lingua de Beckford acêrca das senhoras estrangeiras e os seus elogios ás damas portuguezas ◎ A condessa de Lumiares, as filhas do Marialva, a Rainha ◎ O marquez de Marialva

Fóra d'este episodio politico, nunca mais nas suas cartas de Cintra se revela outra intriga a não ser de indole amorosa e essa mesma tenuissima com a mulher moça do velho consul hollandez Guildermeester, o que edificou a primeira casa de Seteaes, na então quinta da Alegria.

A' inauguração de esse desapparecido edificio em a noite de 25 de julho de 1787 assistiu Beckford, que na sua companhia levou o velho marquez de Marialva e seu filho D. Pedro, na evidente preoccupação de obsequiar com taes convidados os donos ou antes a dona da casa.

«Estive

Escadaria que do salão do pavilhão de Seteaes desce para os jardins. Em baixo o lago a que se refere Beckford

persuadindo o marquez a acompanhar-me ámanhã a casa de Guildermeester: é o anniversario natalicio do velho e elle estreia a sua nova habitação com um baile e ceia. Teremos lá uma bonita amostra das *misses* da colonia estrangeira e dos guardas-livros e escripturarios, algumas figuras subalternas do *corps diplomatique*, e Deus sabe quantas mil libras, representadas nas pessoas dos negociantes hollandezes e hamburguezes.»

Encostado a um sobreiro, Beckford assiste á «procissão assaz variada» das «grotescas figuras dos hollandezes, inglezes e portuguezes», que se dirigem para casa do consul da Hollanda, para onde elle mesmo afinal conduziu seus passos, não poupando nem a casa, nem a festa, nem os convidados ás suas troças.

Só a consuleza e a ceia são elogiadas e apenas o divertiu o desvario d'um francez, que depois de uma insolação e de uma disputa com M. de Bombelles, embaixador do seu paiz, ficára de tal modo perturbado da razão, que andou correndo de sala em sala confessando a todos as illimitadas finezas que recebera de uma dama presente e as muitas provas de affeição que uma certa miss W. lhe tinha dado.

«—Porque é que andaes em contenda e ás unhadas?—dizia elle ás duas heroinas, que, segundo ouvi, não vivem nos melhores termos.—Ambas sois egualmente condescendentes e ambas me fizestes com os vossos favores o mais feliz mortal do universo!»

Dias depois e tambem com o marquez de Marialva visita os Guildermeester e encontra a appetitosa consuleza «n'uma vasta mas escusa sala, com as suas sapas acocoradas á roda de si. Deu-nos ella um excellente chá e uma muito grossa fatia de pão de rala com deliciosa manteiga, acabada de sahir d'uma genuina queijeira hollandeza, dirigida segundo os mais immaculados preceitos da sua terra.»

Marquez de Marialva [D. Pedro], filho do marquez D. Diogo

Uma officina de lacticinios modelo no fim do seculo XVIII em Portugal! Um seculo se gastou para aproveitar a lição e vamos...

Logo em seguida, falando-nos n'uma reunião de inglezes em casa de mrs. Stait, «uma mulher baixa, delgada de cintura e com uns olhos esgazeados, mas que estava longe de ser desagradavel ou insensivel», que n'esse dia fazia annos, lá surge outra vez a hollandeza «coberta de diamantes, scintillando como uma estrella, no meio d'aquella tenebrosa atmosphera.»

Beckford conforme o seu feitio, sentado á meza da ceia junto de madame Guildermeester, em dialogo com ella, applica á festa a sua terrivel critica sorridente, bem como ás pessoas presentes, tanto homens como senhoras, critica que, de resto, se *não* exerce nunca sobre as damas portuguezas que estavam em Cintra.

Pelo contrario, quando a ellas allude fal-o sempre com respeito ou elogio.

A proposito da esplendida merenda e do fogo de vista que á familia real offereceu na sua *villa* o marquez de Marialva, refere-se a algumas das senhoras presentes em termos os mais lisongeiros. Da condessa de Lumiares, «que apezar de não ter mais de dezeseis annos, já foi casada quatro» diz que «a sua alegria infantil, os seus cabellos loiros e a alvura da sua tez, a tal ponto me recordaram a minha Margarida (1), que eu não pude deixar de a encarar com uma melancolica ternura. Augmentava-lhe a semelhança o estar rodeada de creanças, e vendo-a ali, sentada no recanto da janella, por vezes illuminada pela luz azulada dos

A escadaria da entrada nobre do pavilhão de Seteaes

(1) A esposa morta de William Beckford

foguetes, que rebentavam no ar, senti agitar-se-me o sangue, como se defrontasse com um phantasma, e os meus olhos inundaram-se de lagrimas...»

Ás filhas de Marialva, que foram depois a duqueza de Lafões, a marqueza de Loulé e a marqueza de Louriçal, refere-se d'esta maneira: «D. Maria e a sua irmã mais nova, animadas pela deslumbrante illuminação, giravam pela sala, alegres e graciosas, com os seus vestidos de musselina, e pareciam duas fadas que tivessem descido das fluctuantes nuvens, que o pincel de Pillement tão primorosamente representou no tecto do pavilhão.»

D'umas açafatas da rainha que andavam correndo na quinta do Ramalhão, montadas em garranos e burros, escreve: «Estavam lá D. Maria do Carmo e D. Maria da Penha, com os cabellos fluctuando-lhes sobre os hombros, e os seus grandes e formosos olhos, tão ingenuos e vagos como os d'uma antilope.»

E vendo a Rainha pela primeira vez na festa do Marialva, escondida n'um *boudoir* retirado, exclama: «Impressionou-me o seu aspecto digno e conciliador. Parece ter nascido para mandar, mas tornando ao mesmo tempo a sua auctoridade tão querida como respeitada. A justiça e a clemencia, esta divisa tão evidentemente mal applicada na bandeira da odiada Inquisição, devia ser transferida com a mais estricta verdade para esta boa princeza.»

Mas o feitio ironico da sua visão logo a seguir o faz comparar os cortezãos, ajoelhando com veneração deante da augusta personagem, a musulmanos deante do tumulo do seu Propheta ou a tartaros na presença do Dalai-Lama.

Em outra sua carta o pessoal da côrte é bastante maltratado e só a figura nobilissima do marquez de Marialva, filho do marquez D. Pedro o picador celebre, perpassa constantemente nas cartas do inglez, cercada d'uma aureola de gentileza, de respeito e ternura, de gratidão e amizade, que nos dá uma personagem altamente sympathica, distincta e familiar. O estribeiro-mór fica sendo um intimo do leitor.

Duque de Lafões

RETRATOS d'alguns portuguezes do fim do seculo XVIII — O duque de Lafões, o arcebispo-confessor, o conde de S. Vicente, o conde de S. Lourenço — Quadros de genero — A cathechisação e o enterro d'uma innocente velha protestante que exgotára na vida a taça dos prazeres peccaminosos — Entrada sensacional do Beckford na sala dos Cysnes do Paço de Cintra pela mão do gordo arcebispo-confessor — O jantar de leitões e pirão que lhe offereceu o arcebispo, embrulhado em casacão rôto e mal remendado, n'um quarto decorado com pannos de Arraz — Beckford-Watteau — O sonho d'uma noite em Cintra — A cachopa das uvas em Collares

Beckford é eximio na pintura dos retratos de alguns homens d'aquelle tempo.

A aguarella do duque de Lafões, que não era o duque de Bragança, titulo pelo qual a Europa o conhecia, mas que podia ser duqueza viuva, pois tanto se parecia com uma velha camareira, cheio de frioleiras e affectações, é magistral. Colloca a figura ante nós viva, mas caricatural, é certo, pois o aquarellista não perdoava ao delicioso modelo ser um dos inspiradores do Principe do Brazil. «Tinha posto carmim e moscas, e apezar de haver já visto setenta janeiros, pretendia rodar sobre os calcanhares e mover-se com a agilidade dos vinte annos. Surprehendeu-me muito a facilidade dos seus movimentos, tendo eu ouvido dizer que elle era um martyr da gôtta. Depois de, em francez, ceceando, e com a mais requintada pronuncia se queixar do sol e dos caminhos e do estado da architectura, retirou-se — graças a Deus — e foi escolher o terreno para um acampamento de cavallaria, que deve guardar a sagrada pes-

Marquez de Marialva [D. Diogo], a primeira personagem da côrte depois do duque de Lafões, e o grande amigo de Beckford

soa da Rainha, durante a sua residencia n'estes montes.»

A descripção do arcebispo-confessor é um quadro a oleo de Goya: «N'uma das sacadas ostentava a volumosa figura o arcebispo-confessor. Este, actualmente, importantissimo personagem era um camponio, que assentou praça de soldado raso; de soldado passou a cabo d'esquadra, de cabo d'esquadra fez-se frade, e n'esta qualidade deu tantas provas de tolerancia e bom humor, que o marquez de Pombal, topando-o por um d'estes acasos que desafiam todos os calculos, julgou-o sufficientemente astuto, jovial e ignorante para fazer d'elle um inoffensivo e commodo confessor de Sua Magestade, então Princeza do Brazil, e depois da sua ascensão ao throno foi nomeado arcebispo, *in partibus*, e Inquisidor-mór, e veiu a ser a mola principal do actual governo. Nunca vi sujeito mais grosseiro do que elle. Parece banhar-se em agua de rosas, e ri e engorda, apezar da critica situação dos negocios do paiz...»

Sala dos Cysnes no palacio de Cintra

A sepia tocada a largos mas vigorosos traços do antipathico e sombrio conde de S. Vicente e a alegre mas affectuosa *pochade* do velho e fanhoso conde de S. Lourenço, com suas mentiras e seu rheumatismo, com suas devoções e anecdotas, com seu orgulho nobremente manifestado e sua prodigiosa memoria alliada a uma ardente imaginação, são retratos que não esquecem pelo seu desenho e colorido litterarios.

Em quadros de genero a collecção é soberba tambem nas cartas que de Cintra escreveu Beckford.

A cathechisação á hora da morte da velha ingleza hereje, da innocente que por forma alguma consentiu que na sua mocidade a taça do prazer passasse por ella sem a saborear e que «vivera muitos annos no pé d'uma grande intimidade, não só com um alentado solteirão inglez, mas com diversos outros casados e solteiros, das suas particulares relações», é uma pagina rara de *humour*. A alegria dos monsenhores que salvaram aquella alma chamando-a *in articulo mortis* ao catholicismo, a descripção do sahimento do corpo envolto em candidas vestes virginaes, deitado n'um caixão côr de rosa, a cujas argolas pegam os maiores fidalgos do tempo e as maiores auctoridades de Cintra, a satisfação que se manifesta entre o numeroso clero que acompanha, a poeirada e soalheira que envolvem aquella tão alegre procissão, as exclamações e manifestações jubilosas dos reverendos e dos beatos e o dictó final de Marialva, quando a immaculada e innocente anciã, causa de tamanho gaudio e tumulto desce á sepultura:

«Elle se f... de nous tous à présent»

maravilhosa e flagrantemente definem uma epoca e um meio.

Arcebispo de Thessalonica

A visita ao arcebispo-confessor no paço de Cintra e depois o jantar obrigado a leitões e pirão n'um cacifo de paredes cobertas com pannos de Arraz, jantar cosinhado e servido por um leigo cheio de chalaças, que parece um arrieiro, servem de pretexto a trechos admiraveis de graça. O arcebispo rompendo de mão dada com o inglez na sala dos Cysnes, onde toda a côrte estava, elle de habitos brancos fluctuantes «ostentando a sua pessoa como um perú empavezado», Beckford, ás cortezias, «avançando n'uma especie de passo grave, piscando os olhos como uma coruja em pleno sol, graças á rapida passagem da escuridão para a mais deslumbrante claridade», é uma scena de comedia digna de Rostand ou de Julio Dantas, de Marcellino Mesquita ou de Francis de Croisset.

(Continúa)

D. LUIZ DE CASTRO.

O melhor relogio em ouro, prata e aço, o unico que em dois annos conseguiu impôr se a todas as outras marcas.

A' venda em todas as relojoarias e ourivesarias do paiz

TABACARIA CUBANA

José Gonçalves Bastos

Deposito de tabacos de todas as procedencias em grosso e a retalho

Especialidade cigarros COMMERCIAES

Estas marcas acham-se á venda em todas as tabacarias de LISBOA e PORTO

Rua Henrique Martins, n.º 36—MANAOS

Union Maritime e Mannheim

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union y El Fenix Español, R. da Prata, 59, 1.º, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusivé o seguro denominado «Popular» para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa

Lima Mayer & C.ª

RUA DA PRATA 59 1.º

INSTRUMENTOS DE CORDA

Guitarras, bandolins, violas e accessorios para os mesmos, envia catalogos gratis para fóra.

AUGUSTO VIEIRA

4, Rua de Santo Antão, 4—LISBOA

Automobili—Isotta—Fraschini

Os mais solidos, simples e economicos e os que melhor sobem

Central Garage, F. S. Martinho & C.ª Accessorios e officinas de reparações Rua da Escola Polytechnica, 225 227 229 e 231, Lisboa.

CASA ESPECIAL DE CAFÉ DO BRAZIL

A. Telles & C.ª

Rua Garrett, 120 (Chiado), LISBOA—Rua Sá da Bandeira, 71, PORTO

TELEPHONE N.º 1:438

Café especial de Minas Geraes (Brazil)

Este delicioso café, cujo aroma e paladar são agradabilissimos, é importado directamente das propriedades e engenhos de **Adriano Telles & C.ª, de Rio Branco, Estado de Minas Geraes** e não contem mistura de especie alguma. **Todo o comprador tem direito a tomar uma chavena de café gratuitamente.**

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida

SEDE SOCIAL—RIO DE JANEIRO

Filial em Portugal—Largo do Camões, 11, 1.°—Lisboa

DIRECTORIA DA FILIAL

Presidente: Conselheiro Julio Marques de Vilhena, governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado Honorario.

Vice-presidente: Conselheiro Dr. M. A. Moreira Junior, Ministro de Estado Honorario e lente da Escola Medica.

Director consultor: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torgal, Advogado.

Director medico: Dr. Henrique Jardim de Vilhena.

Gerente: M. A. de Pinho e Si va.

A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL já é vantajosanente conhecida em Portugal, onde tem tido o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua, todos os seus lucros pertencem exclus vamente aos segurados. A Directoria local resolve sobre todos os assumptos, inclusivé a approvação de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das pro as de morte.

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro

UNICAMENTE ADOPTADO PELA EQUITATIVA

Nos sorteios de abril e outubro de 1905 e abril de 1906 foram contempladas as seguintes apolices, recebendo os segurados as respctivas importancias e continuando as mesmas em p eno vigor, a saber:

20180—D. Ame ia Marques da Costa Barros—Porto —1:000$000
20070—Dr. João Maria da Costa —A piarça —1:000$000
20291—Lino Joaquim de Alme da Aguiar —Lisboa —1:000$000
20899—José João Te rada —Santarem —1:000$000
20218—D. Maria da Silva Catharino —Alpiar a —1:000$000
20230—Dr. Antonio Cesar Almeida R ina —Figu ira da Foz—1:000$000
20755—José Fernandes Rod igues —Lisboa —1:000$000
20851—Abilio de Mattos —Ponte de Lima —1:000$000
20613—M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho—Lis oa —1:000$000

DOTAÇÕES DE CREANÇAS DE 1 AOS 15 ANNOS

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de prem os, prospectos e outras informações que forem dirigidas á

Filial d'A EQUITATIVA dos E. U. do Brazil

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.°